LIBRARY OF PRINCETON
NOV 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BR7 .U54

Znitas.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/unitas2081inst

LRP

UNITAS

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 27 2002
THEOLOGICAL SEMINARY

Ciência e Fé	2	Miguel Rizzo
Navios para Tarsis	9	Lauro Bretones
O ensino que não se ensina	21	Juvenal R. Meyer
Mais do que uma resolução	23	Walter Cavert
Deus e o homem	26	Adauto A. Dourado
Vida espiritual	29	Argemiro O. Souza
Teu lar, um ninho vazio?	32	Evelyn Mills Duvall
Riso — dom de Deus	38	George P. Howard
Flagrantes do mundo religioso	41	W. J. Goldsmith
O momento religioso no Brasil	45	Oscar Arruda
O homem, a máquina, e... Deus	47	Odayr Olivetti
Facetas da vida	50	Miguel Rizzo
A humildade cristã e o perdão	55	Rafael Cepeda
Posso repetir a oração do Senhor?	56	

PREÇO: 10.00

ANO 20 — N.º 8

AGÔSTO — 1958

JESUS CRISTO

Jesus Cristo é a personalidade mais discutida de tôda a história da humanidade. Nunca se escreveu tanto sôbre uma personalidade. Ela tem resistido a tôdas as formas de análise. Por mais que nos dediquemos ao estudo dessa personalidade nunca conseguimos compreendê-la totalmente. Há vários aspectos da vida de Jesus que escapam ao exame perspicaz da inteligência humana. Alguns escritores — e foram poucos — que intentaram denegrir-lhe a memória e a obra, no esfôrço que fizeram não foram capazes de resistir ao impacto da sua influência. Foi o que ocorreu com Renan. Começando por negar a divindade de Jesus, Renan, ao chegar ao capítulo sôbre sua morte, não resiste ao impacto e chega a afirmar: "a tua divindade está estabelecida".

Contudo, há poucas biografias de Jesus. Os autores especializados receiam dedicar-se à tarefa de escrever uma biografia de Jesus. A razão disso é compreensível. Não é fácil escrever uma biografia de Jesus.

O Rev. Miguel Rizzo Jr. acaba de preparar uma biografia de Jesus. Mas seu trabalho, que em nossa modesta opinião se tornará o melhor livro escrito pelo fundador do ICR, é diferente e único no gênero. Sem fugir ao estilo biográfico, Miguel Rizzo consegue dar-nos o traço da figura e da obra de Jesus de maneira admirável. Valendo-se dos seus notáveis recursos de escritor primoroso e perspicaz, êle nos apresenta Jesus como realmente nós o conhecemos nos Evangelhos. E vai além: rebusca na história as provas e as marcas da sua influência imorredoura.

E' êsse o livro que anunciamos, antecipadamente. Dentro de pouco tempo êle estará à venda. E nós desde logo advertimos a todos os leitores desta revista no sentido de que façam seus pedidos e procurem usar essa obra na divulgação dos princípios que norteiam tôda a ação do Instituto de Cultura Religiosa.

L. B.

• Verifique se a sua assinatura está vencida ou por vencer pròximamente. Mande-nos logo a importância de Cr$ 100,00 para que lhe possamos continuar a enviar a revista regularmente.

• Ao enviar qualquer importância, faça-o em nome do Instituto de Cultura Religiosa, e não em nome pessoal de qualquer dos diretores.

• Envie-nos suas impressões sôbre a revista. Elas são de grande ajuda. Estamos procurando fazer o melhor. Mas gostariamos de saber como nossos leitores estão vendo a sua revista. Escreva-nos.

• Pedimos também seu auxílio para o aumento do número de leitores da revista. Procure oferecer a um amigo uma assinatura anual a título de experiência.

ÚNITAS

Órgão Oficial do Instituto de Cultura Religiosa

Diretor — MIGUEL RIZZO JR.
Redator — LAURO BRETONES

Colaboradores permanentes:
Jorge Goulart, Adauto Araújo Dourado, W. J. Goldsmith, Camilo Ashcar, Oscar Arruda, Alceu Maynard Araújo, Odilon Nogueira de Matos, Mário Barreto França, José Borges dos Santos Jr. e Samuel Figueira

---

EXPEDIENTE

O *Rev. Miguel Rizzo Júnior*, Diretor desta revista, atenderá sòmente às têrças e quintas-feiras das 14 às 17 horas, à Rua Barão de Tatuí, 528.

Assinatura anual .. .. .. Cr$ 100,00
Número avulso .. .. .. " 10,00

Sócios do Instituto:
Mensalidade —
Interior .. .. Cr$ 20,00
S. Paulo, Rio, Recife .. " 25,00

Endereço:
Rua Barão de Tatuí n.º 528 — Caixa Postal 7.203 — Tel. 51-7499
SÃO PAULO — BRASIL

CIENCIA E FÉ

MIGUEL RIZZO

O psicólogo Emile Boirac, Reitor da Academia de Dijon, numa obra que foi recomendada pela Academia das Ciências, compara a atitude de certos pensadores do século XIX à de um pássaro que tendo experimentado suas azas, imaginassem que poderiam voar até às estrelas(1). Essa comparação caracteriza bem as tendências dominantes dos cientistas da época em que começaram a se desenvolver as ciências positivas. A arrogância que encarnavam era incomensurável. Tendo descoberto alguns dos segredos da natureza, julgaram que em pouco tempo devassariam todos os mais.

Como era de esperar, essa mentalidade produziu ataques fortíssimos contra a religião, procurando revestí-los de aparências muito lógicas. Segundo prova a ciência, afirmavam êsses pseudo sábios, a mente humana só conhece fenômenos. Tôdas as descobertas científicas da época giravam em tôrno de fatos que poderiam ser observados e reproduzidos experimentalmente.

A conclusão que se tirou dêsses raciocínios era esta: desde que nossos conhecimentos são limitados a êsse campo, é evidente que não tem a inteligência humana capacidade para conhecer a Deus. O raciocínio é superficial, mas teve ampla repercussão graças ao fenomenalismo de Ritsche e ao positivismo de Comte. Êsse foi muito além dos seus contemporâneos nos ataques à religião, quando afirmou que a humanidade podia conduzir a Deus até às fronteiras do mundo e então despedir-se dêle com agradecimentos pelos serviços provisórios que êle prestara à humanidade. É muito grande a lista

(1) Alexis Carrel — "O Homem êsse Desconhecido", pág. 51.

dos pensadores incrédulos que com arrogante desenvoltura arrazavam os conceitos da fé. Houve mesmo um momento em que o materialismo ameaçou dominar o pensamento humano.

Um dos fenômenos mais interessantes que se observam no mundo intelectual de hoje é a notável mudança que os sábios têm assumido para com a religião. Aquela fase de ataques implacáveis por parte dêles já não existe. Os sábios, que realmente merecem tal nome, assumem hoje atitude muito diferente daquela na apreciação dos fatos religiosos.

Um dos cientistas que mais renome grangearam no período da primeira guerra mundial foi Alexis Carrel. Os da geração anterior procuravam explicar os fenômenos da mente como secreções do cérebro. Era um absurdo, mas houve quem se batesse para defendê-lo. Eis o que Alexis Carrel diz sôbre o assunto: "A explicação dum fenômeno psicológico em termos de fisiologia celular ou de mecânica eletrônica não passa dum jôgo verbal. E contudo, os fisiologistas do século dezenove, e os seus sucessores que ainda permanecem entre nós, cometeram êsse êrro, tentando reduzir o homem inteiro à físico-quimica"(2). Êsse famoso cientista foi muito além na apreciação dos fenômenos do mundo espiritual. Não sabemos mesmo que choque levariam os agnósticos do passado que viviam orgulhosamente satisfeitos com as explicações materialistas do mundo quando lessem êste trecho escrito por Alexis Carrel: "Certas atividades espirituais podem ser acompanhadas de modificações, tanto anatômicas como funcionais, dos tecidos e dos órgãos. Observam-se êsses fenômenos orgânicos nas circunstâncias mais variadas, entre elas no estado de oração. É preciso entender por oração, não a simples recitação maquinal de fórmulas, mas uma elevação mística, durante a qual o espírito fica absorto na contemplação do princípio imanente e transcendente do mundo. Êsse estado psicológico não é intelectual, e os filósofos e os homens de ciência não o podem compreender, nem atingir. Mas dir-se-ia que os simples podem sentir Deus tão fàcilmente como o calor do sol ou a bondade dum amigo. A oração que é acompanhada por efeitos orgânicos apresenta certos caracteres particulares. Em primeiro lugar, é completamente desinteressada; o homem oferece-se a Deus tal como a tela ao pintor ou o mármore ao escultor. Ao mesmo tempo pede-lhe a graça, expõe-lhe as suas necessidades, e principalmente as dos seus semelhantes. Em geral não é aquêle que pede por si próprio que recebe a graça, mas sim aquêle que pede pelos outros. Esta forma de oração exige, como condição prévia, a renúncia a si próprio, isto é, uma forma muito

elevada da ascese. Os modestos, os ignorantes, os pobres, são mais capazes dêste abandono do que os ricos e os intelectuais. Quando possui estas caraterísticas, a prece pode produzir êsse estranho fenômneo que é o milagre"(2).

Êsse é apenas um testemunho da ciência a favor da fé. Depois de Alexis Carrel aparecem as obras de um companheiro seu de pesquisas científicas no Instituto Rockfeller de Nova York. É o sábio Lecomte du Nouy. Evolucionista convicto, depois de perseverantes estudos examinando fatos, chega a algumas conclusões muito favoráveis à religião. Defende êle a idéia do anti-acaso. Como chegou a essa convicção? É que examinando cuidadosamente os fatos da natureza percebeu que há nela uma certa finalidade inegável. Ora, descobrindo êsse fenômeno foi levado a crer que há atraz de tudo o que se verifica no mundo natural, uma inteligência que organizou as coisas de modo que elas realizem os fins pelos quais existem. Essa tese Lecomte du Nouy a demonstra com superabundância de argumentação. Ela, sem dúvida nenhuma está muito distante das teorias que os materialistas haviam formulado tentando eliminar do mundo a idéia de um criador.

Êsse cientista foi além. Depois de descrever a evolução que se verifica no mundo físico, passou a tratar da finalidade que deve existir no mundo moral. A semente lançada no solo evolui até formar o tipo de planta que ela representa. Essa evolução pode ser acompanhada nas suas várias fases, sempre marchando para a conformidade com o tipo específico. Coisa semelhante se observa no embrião animal.

Admitindo que haja uma evolução moral, Lecomte du Nouy pergunta qual será o tipo padrão para êsse processo evolutivo. Eis como êle se expressa: "Deve cada homem procurar aproximar-se, na medida dos seus meios, do ideal humano mais perfeito — para nós é Cristo —, não apenas com o fim egoísta de alcançar a paz da alma, a felicidade interior e a imortalidade pela integração na obra divina, mas com o fim de contribuir para essa obra, de preparar o advento da raça superior prometida pela evolução"(3).

Estamos, pois, diante de um sábio que defende ardorosamente duas teses inteiramente favoráveis à religião. Como vimos, não aceita êle que êste mundo seja produto do acaso. Aceitando a evolução

---

(2) Ob. cit. pág. 175.

(3) Lecomte du Nouy — "A Dignidade Humana", pág. 249.

quando a aplica ao mundo moral reconhece que o tipo perfeito para onde ela deve marchar é a pessoa de Cristo.

Como estamos longe das criticas sistemáticas que se faziam contra tudo quanto fôsse artigo de fé. Há dois fatos ainda que indicam bem como a tendência nova de apreço à religião é ampla.

Uma obra bem caracteristica de Lecomte du Nouy, a que se intitula "O Futuro do Espírito" teve só na França, quarenta e duas edições. Isso mostra como o público recebeu com satisfação as novas doutrinas relativas à relação que deve existir entre a ciência e a fé. Outro livro seu, o que se intitula "A Dignidade Humana", recebeu esta apreciação do Dr. Roberto Milikan "Prêmio Nobel de Fisica" e Presidente do Conselho Executivo do Instituto Politécnico da California: "Êste livro é de um alcance e de uma penetração tão fundamentais que não é fácil aparecerem mais do que um ou dois como êle no curso de um século". Como é fácil de ver, essa apreciação é muito significativa em favor das afirmações que estamos fazendo: a de que a atitude da ciência moderna para com a fé distancia-se incomensuràvelmente da que foi assumida por alguns escritores do século passado, aqueles que proclamavam que existia incompatibilidade absoluta entre religião e ciência. Temos aí dois dos mais famosos sábios da geração contemporânea exaltando fatos que favorecem a religião e foram largamente aplaudidos por outros sábios que pensam como êles.

Um fato é preciso ser agora bem sublinhado. Não era apenas a arrogância de certos pseudo sábios que explicava seus ataques à religião. Também ela tinha culpas. As doutrinas que se pregavam apresentavam-se, como ainda hoje em certos meios se apresentam, em forma dogmática sem prova alguma capaz de satisfazer um espírito inquiridor.

A conclusão que podemos tirar do que vimos expondo é esta: existe uma tendência muito acentuada hoje para apreciar a religião. É, todavia, de suprema importância que os guias espirituais saibam apresentá-la de modo que mereçam o respeito dêsses mesmos sábios que hoje simpatizam com ela. É preciso lembrar que estamos numa época em que argumentos baseados apenas na autoridade não impressionam. Felizmente a religião pode apresentar outro tipo de demonstração dos valores da fé. Êles podem ser alicerçados em fatos e os cientistas entendem isso. Se é possivel apresentar realidade como base da vida espiritual, por que é que não ficamos nesse terreno e lançamos mão de outros processos que jamais levam convicções às inteligências esclarecidas?

É preciso pensar nisso.

O PRESENTE

E O

FUTURO

Não é pequeno o número daqueles que sentem que o evangelho está deixando de ser uma fôrça vitalizadora para os que o seguem. Sente-se que a maioria dos que fazem parte de nossas igrejas fazem parte daquele grupo de "mornos" severamente censurado pela Palavra de Deus. Os que viveram em dias em que o evangelho tinha como seguidores adeptos mais dinâmicos, almejam um despertamento espiritual para que saiamos do marasmo entorpecente em que nos arrastamos.

Seria útil perguntarmos quais as causas do estado de apatia religiosa em que vivemos. Penso que para explicar a debilidade espiritual dos crentes, há pelo menos duas causas importantes. A primeira é a grande preocupação com os bens materiais. A vida secular toma a maior parte do nosso tempo e consome a maior parte das nossas energias. Vemos no dinheiro a grande fôrça que resolve os nossos problemas e tratamos de garantir a maior quantidade de dinheiro que possamos ganhar. O dinheiro nos dará confôrto, permitirá um certo número de regalias, porisso, fazemos tudo o que é possível para o adquirir. Enquanto isso, vai-se o nosso interêsse pelas coisas que se referem à alma. Cuidamos das coisas que se referem à casa, á roupa, à mesa, ao corpo, aos negócios, às diversões e para elas é que vivemos.

A segunda grande causa que a meu ver prejudica enormemente a vida do espírito é o conformismo com o viver pagão do mundo que nos cerca.

Há muitas coisas que não convém ao crente porque prejudica a sua fé. Há certos tipos de literatura e de passatempos que são verdadeiro veneno para suas crenças e princípios. Há certas práticas que o desviam do ideal para que deve viver.

O mundo e as coisas que prevalecem no mundo tornam os homens egoístas, e nos apresentam a vida como se fôsse só a do

nosso corpo. Sendo assim elas nos afastam de Deus e nos tornam indiferentes às verdades que nos foram reveladas por Nosso Senhor Jesus Cristo. Aquilo que há de ser mais útil para o bem estar individual e coletivo é pôsto de lado. A companhia de descrentes, a leitura de certos livros, a prática de certos costumes, a preocupação grande com aquilo que é nosso e com o presente, o nosso bem estar pessoal, tudo isso está contribuindo para fazer dos cristãos de hoje creaturas vulgares que em nada se distinguem pelos seus ideais e modos de viver, dos ateus, dos irregiliosos, dos indiferentes, dos mundanos, dos pagãos, isto é, dos responsáveis pela situação anormal, calamitosa e imoral em que se acha o mundo moderno, rico, egoista, aflito, cheio de mêdo, sem confiança e ameaçado.

Sim. A situação é anormal e calamitosa. Não somos só nós que sentimos essa verdade. Por que as revoluções? Por que as ideologias extremistas? Por que o mêdo da guerra? Tudo isso é porque faltam princípios orientadores, faltam leis, faltam garantias, faltam meios para que se siga a retidão.

Uma pergunta que se impõe ao considerarmos a situação atual do mundo é esta. Onde é que vamos parar? Será possível sair dêste estado em que nos achamos?

Talvez a situação creada pelo indiferentismo espirtual nos arraste para o comunismo. As razões que levam a fazer esta hipótese são as seguintes. Primeiro é o fato de que o comunismo é materialista. O comunismo atualmente já está exercendo seu domínio e influência sôbre tôda a população do globo. Os adeptos do comunismo mostram grande dedicação pelos seus ideais.

O comunista crê fervorosamente em sua ideologia e se fôr preciso fazer todo o sacrifício para o bem da causa comunista êle o faz.

Para mudar o estado de indiferentismo e de apatia do mundo cristão será preciso um movimento de grande envergadura. Movimentos dêsse tipo aparecem ocasionalmente como aconteceu nos tempos de Francisco de Assis, Martinho Lutero, João Wesley, Spurgeon, Moody e outros. Êsses movimentos dependem da vontade de Deus e quando ocorrem produzem efeitos importantíssimos. Mas, há outras condições que também servem para abalar e despertar os homens e mulheres da sua frieza espiritual. Foi o que aconteceu com o povo israelita quando foi escravizado pelos babilonios e depois dominado pelo império romano.

Não é absurdo pensar que os cristãos de hoje estão ameaçados por uma situação crítica dessa natureza. Bem pode ser que amanhã não tenhamos mais as oportunidades que temos, por termos que nos submeter a um jugo de mentalidade extremista.

A história tem ciclos e fases de bem estar e de mal estar. Atualmente estamos numa fase de liberdade religiosa e de liberdade individual. Se não soubermos agir dentro dessa liberdade criando um clima de bem estar, de felicidade, de retidão, de respeito mútuo, de oportunidades para todos; se continuarmos a agir de modo individualista, desrespeitando os princípios do evangelho, indiferentes às grandes verdades que fazem a vida coletiva normal, feliz e pacífica; se não sairmos do comodismo, se continuarmos preocupados apenàs com o bem estar material pessoal, se continuarmos fazendo do dinheiro um ideal tão importante — é bem possível que a tempestade desabe e venhamos a perder tudo o que temos.

Cuidado, pois! O perigo é iminente. Precisamos sentir que é tempo de fazer mais, muito mais do que estamos fazendo pelo evangelho de Cristo — única esperança para o mundo.

CONVICÇÃO INEFICAZ

No seu Tratado "A Velhice", Cícero conta que um senhor muito idoso foi ao teatro em Atenas. A casa estava cheia. Ninguém houve que ajudasse o ancião a abrir caminho no meio da massa compacta do povo. Quando, porém, o velho aproximou-se do embaixador lacedemoniense, êsse que tinha o seu lugar marcado levantou-se para receber o velho. Tôda a assembléia prorrompeu em aplauso. Alguém então disse: "Os atenienses conhecem o que é bom mas não o praticam". Infelizmente essa crítica se adapta não só aos atenienses do passado mas também a inúmeras pessoas do presente.

NAVIOS PARA TARSIS

"E Jonas levantou-se para fugir de diante da face do Senhor para Tarsis. E descendo a Jope achou que um navio ia para Tarsis. Pagou, pois, sua passagem e desceu para dentro dêle, para ir com êles para Tarsis, de diante da face do Senhor" (Jonas 1:3).

A fuga de Jonas é típica de uma atitude universal.

Jonas tomou um navio para Tarsis quando devia ter tomado um navio para Nínive. O navio para Nínive haveria de conduzí-lo ao cumprimento de uma tarefa para a qual só êle estava habilitado. O navio para Tarsis ajudava-o a praticar uma fuga ao cumprimento do dever. Leia-se, com cuidado, a história dêsse profeta que desobedeceu à ordem divina. Jônatas tornou-se o padrão daqueles que tomam navios para Tarsis, numa desesperada fuga aos compromissos reais com a vida. Daqueles que fogem porque, embora conhecendo a realidade da vida, ignoram seus recursos efetivos. Adotam atitude infantil face às realidades da vida. Cresceram no tempo mas não amadureceram. Fazem parte daquele grupo de pessoas que hoje nós chamamos de neuróticas. Pessoas que, face às exigências da vida, adotam uma atitude tìpicamente infantil: fogem, escapam, e muitas vêzes dramàticamente, como no caso dêsse profeta.

Jonas não foi o primeiro nem o último a praticar uma fuga ao dever que a vida impõe. Quanto a êle, há uma circunstância que o reabilita: Jonas reconheceu o êrro de sua fuga, e decidiu (em tempo), voltar atrás e enfrentar a tarefa que tinha pela frente. Os jonas de hoje fazem do escapismo um hábito de vida. Vivem (ou tentam viver?) por escapismos. Pessoas emocionalmente

imaturas. Nínive, para elas, é algo que é preciso evitar a todo o custo. Ainda que seja através de uma atitude ridícula ou dramática. Tais pessoas não apenas fogem da vida; fogem de si mesmas. Não têm siquer coragem para enfrentar-se. Em conseqüência, tais pessoas não começaram a viver.

Começamos a viver quando compreendemos o convite de Jesus: "se alguém não fôr capaz de dizer adeus a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo". Êle convida-nos para a vida abundante. Quando nos dispomos a seguí-lo recebemos dêle coragem para cnfrentar as realidades da vida.

A fuga à luta com as realidades da vida produz no homem um estado de tensão psíquica que dificilmente pode êle suportar. Essa tensão psíquica é uma espécie de síntese de tôdas as situações reais a que a criatura procura evadir-se. Assim, soluções de problemas e situações reais que foram sendo postas à margem na expectativa de que elas mesmas desaparecessem, reagrupam-se, estranhamente, e criam a terrível realidade da tensão psíquica. A criatura é transformada numa espécie de bola de tenis: fica no ar, batida pelo impulso ao dever e a fuga ao mesmo.

Essa tensão apresenta-se por dois sintomas bem conhecidos e bem parecidos: o mêdo mórbido e a angústia. O mêdo é uma reação simples ao dever, que a criatura procura evitar por considerar sua realização um verdadeiro perigo. Freqüentemente, porém, êsse mêdo é apenas um passo para a angústia, que é um estado muito pior. No estado de angústia o perigo representado pelo cumprimento do dever reveste-se de aspectos gigantescos, produto da imaginação já doentia. E a angústia é o centro e o alimento da neurose. Instalada a neurose, passa a criatura a praticar tôda sorte de fuga como única possibilidade de reagir à realidade de uma tarefa não cumprida.

Se por um lado devemos dar importância aos elementos estritamente individuais como causadores de um estado de angústia, por outro lado não esqueçamos que nossa sociedade, como está construída, é um fator desencadeante decisivo. Em muitos casos (e autoridades chegam a afirmar que na quase totalidade dos casos), nossa sociedade é o fator causador das angústias e das neuroses do nosso tempo. Além das injustiças, dos desequilíbrios e dos desníveis que produz nos indivíduos, nossa sociedade tende a encobrir-nos com seu manto protetor, evitando-nos tôda sorte de risco, perigo ou aventura. Estamos cada vez mais vivendo numa sociedade na qual todo o nosso comportamento é pré-determinado. O cumprimento de um dever, assim, transforma-se em simples ato mecânico de ajustamento a uma situação. Não é necessário pensar, desgastar-se, e agir. Basta que encontremos nosso lugar e nossa função na máquina social.

Nossa experiência desmente a segurança que a sociedade nos prome-

te. E o número enorme de formas de escapismo é a prova evidente de que persiste em nós a tensão interna.

O homem comum do nosso tempo desenvolveu tôda sorte de mecanismos de escape, que são as únicas defesas que encontra às ameaças do perigo representado pelos imperativos da vida. A experiência prova que tais mecanismos são inúteis. Os imperativos tornam-se mais agudos e contundentes depois que fugimos deles. O caminho para Tarsis é sempre assinalado por imprevistos. Freqüentemente ocorrem naufrágios. E Tarsis, o refúgio, nunca é atingida.

Vamos examinar alguns desses navios com destino a Tarsis.

A enfermidade é um deles. Por mais estranho que pareça, há um número enorme de pessoas que "adquirem" uma enfermidade qualquer como mecanismo de escape. "É mais fácil ficar doente do que ser corajoso", exclamou Joshua Liebman, o brilhante pensador judaico recentemente desaparecido. Um estado mental, uma atitude perante os imperativos da vida, podem ser a origem de vários sintomas que indicam moléstias bem conhecidas. Os sintomas são físicos, mas as enfermidades não são orgânicas. A despeito da controvérsia sôbre o assunto, a medicina psico-somática tem insistido nessa afirmativa. As curas de "enfermidades" obtidas pela remoção dos estados mentais e emocionais supostamente correspondentes reforçam êsse ponto de vista.

Levantamentos estatísticos nos Estados Unidos vêm confirmando essa posição. Eis aqui uma lista parcial de sintomas produzidos por estados dos mentais. A porcentagem indica emocionais, atitudes sociais e estaquantas vêzes a ocorrência do sintoma é devida àquelas causas:

Dores no pescoço — 75%. Garganta inflamada — 90%. Dores de úlcera — 50%. Dores da vesícula biliar — 50%. Gases — 90 e 100%. Vertigens — 80%. Dores de cabeça — 80%. Prisão de ventre — 70%. Cansaço — 90%. Vários livros têm sido escritos para demonstrar o que estamos assinalando. Recentemente se tornou um "best-seller" o livro do médico John Schindler, para quem a maior parte dos sintomas de enfermidades que apresentamos é emocionalmente produzida.

No fundo, êsses sintomas são apenas partes de um mecanismo de escape. Pessoas "ficam" doentes de um dia para o outro simplesmente para fugir a um compromisso.

O vício, em suas variadas espécies, é outro processo de escape usado pelo homem do nosso tempo. Sobretudo os dois vícios mais populares: o fumo e a bebida. Êles já atingiram tôdas as camadas sociais, tôdas as idades, e até as mulheres.

Por que o homem bebe e fuma? Embora não concordemos com o exagêro da interpretação psicanalítica do uso do cigarro, na verdade é ela certa quando acentua o aspecto infantil dêsse vício. O vício de fumar não é senão uma atitude infantil de

fuga aos imperativos da vida. O fumo e o álcool realizam, dentro do grau narcótico que possuem, um verdadeiro processo de narco-análise: alienam a crítica de si mesma. Os problemas graves desaparecem na poeira da fumaça, e as dores mais agudas são afogadas no álcool. Homens e mulheres bebem e fumam para iludir-se. São vítimas de uma sensação de inutilidade, de nada, de vazio. Portadores de má consciência, ou de uma consciência culposa, ou vítima de uma frustração não declarada ou não compreendida. Outros bebem e fumam porque fracassaram, e o vício é a única maneira de "vingar-se" de uma existência madrasta. O fracasso pode estar ou não configurado: fracassaram no esfôrço de destacar-se, de realizar seus níveis de aspiração, ou mesmo de atualizar-se. O fumo e a bebida são uma fuga à seriedade da vida. A bebida, sobretudo, liberta o ego de seus compromissos com o meio ambiente, dissolve as inibições, e chama sôbre a pessoa a atenção do público, o que normalmente não ocorreria. A natureza inebriante do álcool produz uma sensação de bem-estar, de euforia, de auto-confiança, e de auto-importância. A criatura procura realizar, em estado de verdadeira hipnose os sonhos que foi impedida de realizar.

O vício é sempre um expediente de escape. Entendemos por vício tôda forma extrema de atividade. Assim, o trabalho em excesso sem razão aparente, a vida social intensa, o dormir em excesso, o exercício sexual desordenado e ilícito. Expedientes para a fuga ao estado de angústia pela impossibilidade de realização de propósitos na vida. Navios para Tarsis. Navios que nunca aportam a Tarsis. Navios que naufragam. Expedientes. Paliativos que apenas agravam as condições dos que dêles lançam mão.

A projeção é outro importante mecanismo de escape. Muito sutil é êle. Esconde-se sob a capa de um falso zêlo pela justiça e pela retidão. Aparece, freqüentemente, na figura do fariseu, que Jesus fustigou com a repreensão de hipocrisia, porque via erros e falhas nos outros.

A projeção é, a um tempo, um processo de fuga e um mecanismo de defesa. Pessoas incapazes de suportar seus defeitos e suas falhas, delas fogem apontando-as nos seus semelhantes. "E por que reparas tu no cisco que está no ôlho do teu irmão e não vês a viga de madeira que está no teu próprio ôlho?" (Mat. 7:3). Jesus chamou hipócrita à pessoa que assim procede. A hipocrisia é precisamente o processo de projeção de um defeito. O hipócrita chama a atenção para os defeitos dos outros a fim de que os seus não sejam examinados. Via de regra, os defeitos que aponta nos outros são exatamente os seus defeitos. Quem muito se preocupa com os defeitos alheios não tem tempo para analisar os seus. E é nisso que consiste o processo de fuga. "Portanto quando julgaste condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes

o mesmo" (Rom. 2:1). É preciso distinguir entre a crítica como esfôrço por corrigir e como mecanismo de fuga pela projeção. Afinal, nem tôda crítica é uma projeção. Há uma forma de crítica sadia, dosada com amor e simpatia. Mas há crítica daninha, mordaz, em geral precedida de uma afirmação de amor e simpatia pela pessoa visada. Essa é a crítica que serve ao mecanismo de projeção. Uma pessoa que pretende fugir de si mesma pela incapacidade de fazer face às realidades de sua experiência, compraz-se em apontar defeitos nos outros. Isso lhe dá uma sensação de importância, de satisfação íntima, a ilusão de que é portadora de virtudes. É a sua forma de compensar-se da falta de tudo isso.

Um conhecido ditado expressa bem a natureza do mecanismo de projeção: "o mau trabalhador queixa-se dos seus instrumentos". Há em nós uma tendência natural para transferir, ao que nos cerca, a responsabilidade pelos nossos malogros. Nossos insucessos são sempre devidos aos nossos pais, ao nossos chefes, ao nossos professôres, à falta de "sorte", ao "destino" cruel. Em linguagem técnica, entende-se por projeção o mecanismo pelo qual os defeitos e as inseguranças são repudiados mentalmente e consignados ao meio ambiente. Êsse processo mental proporciona um certo confôrto em quem o experimenta: o confôrto de sentir-se vítima. Não podendo satisfazer suas necessidades emocionais a criatura projeta em elementos do seu meio ambiente seus conflitos daí decorrentes. Como disse o psicólogo D. B. Klein, a projeção é a maneira pela qual o indivíduo interpreta o mundo exterior de acôrdo com suas necessidades emocionais.

Êsse processo pode apresentar variados graus de intensidade. Nas experiências de cada dia ocorrem exemplos que nos passam despercebidos. Mas há pessoas que fazem dêsse processo um fator dominante do comportamento. Aí, então, se trata de um verdadeiro esfôrço por escapar aos imperativos da vida. Uma fuga. Um navio para Tarsis

É escusado acrescentar que tal processo não conduz a qualquer solução satisfatória do conflito. Tarsis torna-se uma superstição, ou uma ilusão. Nunca é atingida.

Como se isso não bastasse, o uso continuado dêsse processo pode produzir conseqüências danosas. Uma delas é a deformação dos elementos do meio ambiente. Projeta a pessoa nesses elementos todos os seus defeitos: todos estão errados, ninguém é sincero, tudo vai mal. Os conflitos agravam-se. A vida de relações torna-se impossível.

Jonas teve que deixar o barco a fim de que os outros se salvassem. A pessoa vitimada por êsse processo de fuga entra em estado de desespêro e, a menos que descubra em tempo a realidade de sua vida interior, só lhe resta deixar a existência. Não é o que muitos vêm fazendo?

A racionalização é outro processo utilizado por aqueles que procuram

escapar aos imperativos da vida. É um mecanismo de comportamento que se reveste de um duplo aspecto: a pessoa procura despistar a atenção dos outros em relação ao seu fracasso, e procura, ao mesmo tempo, iludir-se. Karem Horney diz que a racionalização é uma "auto-decepção pelo raciocínio". É conhecida a história do menino que regressava da escola zangado e queixoso. Interrogado pela mãe, explicou: não estou zangado! Estou rezando para que Viena seja a capital da Austrália". "Mas você não sabe que isso não é verdade?", retrucou a mãe. "Sim— respondeu — mas foi isso o que eu respondi na prova."

Por êsse processo nós valorizamos uma desculpa ou uma atitude que absolutamente não têm valor. As desculpas falsas enquadram-se nessa observação. A história das desculpas teve seu início no Édem. Adão fugiu à responsabilidade racionalizando sua conduta: "A mulher que tu me deste me fêz pecar!". Eva acompanhou o marido: "Foi a serpente que me induziu a comer o fruto". Dizem que a serpente era muito boba naquele tempo e não soube racionalizar sua conduta para fugir à responsabilidade. O exemplo típico dêsse processo é dado por Pilatos ao lavar as mãos para que isso se tornasse o símbolo de sua inculpabilidade. Exemplo notável de racionalização. Pilatos não só tentou iludir o público mas a si mesmo também. É muito conveniente ser sempre razoável. O exercício continuado dessa atitude nos proporciona razões para tôdas as nossas atitudes ou nossas idéias.

Mas além de ser uma tentativa de iludir os outros e a si mesmo, a racionalização é um mecanismo com o qual procura a pessoa proteger-se de um estado de ansiedade — conseqüência inevitável de sua fuga ao cumprimento do dever — Racionalizando suas atitudes para desculpar-se do não cumprimento do dever, procura a pessoa, ainda aqui, enganar-se, iludir-se, dar a si mesmo razões à sua consciência exigente.

Convém advertir que a racionalização é sempre um processo falso, tanto no plano lógico quanto no psicológico. Como conseqüência ela contribui para a redução da confiança que a pessoa tenha em si mesma e mantém-na em uma permanente atmosfera de ilusão.

Há outros processos de fuga aos imperativos da vida. Na experiência de cada dia nós fazemos uso dêles. Por razões que nem sempre compreendemos bem, porque são razões alojadas no nosso mundo inconsciente.

Mas a experiência de outros (e nossa também!) está a ensinar-nos que todos os processos de que lançamos mão para fugir às responsabilidades e para nos proteger da ansiedade disso decorrente, são cargas que não suportamos e que, por fim, acaba por esmagar-nos. Os primitivos habitantes do Peru criticavam os conquistadores espanhóis porque êstes construiam casas com paredes

grossas e pesadas. É que no Peru morriam, ao tempo, mais pessoas esmagadas pelas casas em que habitavam do que pelos próprios terremotos. É menos perigoso atacar a tarefa que temos pela frente, cumprir o dever que nos é dado, do que construir casas para nos refugiarmos. O neurótico é sempre sacrificado pelos mecanismos de defesa e proteção que constrói.

Que se deve fazer em face dos imperativos da vida e da realidade que está diante de nós? Indiquemos algumas atitudes práticas.

1. Conhece-te — É o supremo conhecimento. Devemos fazer um esfôrço especial para conhecer nossas virtudes e nossos defeitos, nossos recursos e nossas deficiências, nossos pontos altos e nossos pontos baixos, nossos fortes e nossos fracos. Muitas pessoas ficariam surpreendidas se se conhecessem realmente. Há pessoas que insistem em afirmar: eu me conheço bem! E não sabem que estão enganadas a respeito de si mesmas. Uma pessoa que realmente se conhece está em condições de usar seus recursos e proteger seus defeitos ou superá-los. Um amigo fêz uma fotografia de Gandi e deu-lhe como presente. A grande alma tomou a fotografia nas mãos e exclamou depois de alguns momentos de reflexão: eu não sabia que era tão feio! Muitos erros nossos decorrem da ignorância que mantemos a respeito de nós mesmos.

Mas, como conhecer-nos? Bastaria o processo socrático? Nós estamos há mais de vinte séculos tentando pôr em prática o processo socrático. Penso que êle é falso. Com êle nós apenas aprendemos a justificar-nos. O homem não se conhece olhando para dentro de si mesmo e procedendo a uma auto-crítica. Êle percisa valer-se de um quadro de referências, de um padrão ou de um critério. Êle precisa examinar-se diante do espelho divino. "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno" (Salmo 139:23,24). *Santo Agostinho passou uma noite orando. Fêz apenas duas petições: "Que eu me conheça", e "Que tu me conheças". Nós só podemos nos conhecer bem se nós conhecermos bem a Deus. Há um espelho divino capaz de refletir, fielmente, aquilo que somos.*

2. Aceita-te como és — É a segunda atitude que devemos cultivar. Pessoas que nunca estão satisfeitas consigo mesmas, porque se ignoram, sofisticam-se a fim de fugir de si mesmas. A sofisticação é uma tentativa de fuga de algum imperativo que não queremos encarar. Há pessoas, em nossa sociedade, que se julgam feias, e passam a adotar processos muito esquisitos para "parecer" belas. Sofisticam-se. Tornam-se horríveis. Tentam ser aquilo que de forma alguma são.

3. Faze o que deves — Foi o rei Jorge V quem disse que a felicidade não consiste em fazer aquilo de que gostamos, mas em gostar daquilo que

temos de fazer. Se deixarmos que nossas atitudes em face dos imperativos da vida se guiem pelos nossos gostos, nunca nos fixaremos em nenhuma. Seremos como folhas sêcas levadas pelos ventos. Nosso gôsto é que deve adaptar-se ao nosso dever e não êste àquele. Sobretudo se nós nos convencermos de que Deus tem um plano para a nossa vida. Nossa felicidade dependerá de nossa compreensão e submissão a êsse plano. Jonas pretendia fazer o que lhe indicava seu gôsto. Mas o plano divino era outro. Daí seu êrro.

4. Aprende a confiar em Deus — Nenhuma criatura é capaz de dirigir-se a si mesma por todos os caminhos da vida. Nós precisamos da ajuda de Deus. Sem Êle não há imperativo que não possamos encarar com segurança e sobranceria. Nada é impossível para Deus. Se nós estivermos ligados a Êle, nada nos será impossível. "Se vós estiverdes em mim e as minhas palavras estiverem em vós pedireis tudo o que quiserdes e vos será feito", disse Jesus. Pôr em prática êsse desafio de Jesus deve ser a suprema aventura da vida.

———) * (———

REFLEXOS DA PERSONALIDADE

Quando o sol no poente desce abaixo do horizonte, o céu ainda reluz durante uma hora, depois da sua partida. Do mesmo modo, quando um grande homem deixa esta vida o céu dêste mundo resplandece por muito tempo, depois que se perdeu de vista a grande personalidade. Ela não é esquecida no mundo. Depois que parte para o Além, deixa após si muita coisa de si mesmo. Êsses vultos estando mortos ainda falam.

NÃO BEBEREI EU O CÁLICE QUE O PAI ME DEU?

(João 18:11)

Lutar, vencer, ser vencido, debater-se por uma causa, enfrentar insolências, fazer face a desaforos, desfazer injustiças, é relativamente fácil. Parar é que é difícil. Enquanto soa a música dos clarins chamando para a batalha, seja aqui seja alí, enquanto as lutas se travam com contínuas mudanças de cenário, enquanto há excitação, louvores e críticas, a criatura vai para diante, movida por uma porção de fôrças complicadas. De repente, tudo para. Vem a doença. Perde-se o emprêgo. Acaba o dinheiro. Morre alguém— E' o fim.

A águia que vôa livremente nas maiores alturas, sucumbe na gaiola. Ninguém sente muito mêdo de lutar. A luta é vida. Todos se apavoram quando chega a hora de não poder lutar. A face do irremediável, — da fortuna perdida, da doença sem cura, da morte ou do fracasso, o indivíduo que voava pela estratosfera sem temor e sem cansaço, dobra as asas e se entrega ao desconsôlo como a águia aprisionada.

E' muito mais fácil "fazer" do que "sofrer" a vontade de Deus. Fazer o que Deus manda exige coragem, energia, determinação. O cumprimento de um dever implica quase sempre na conquista de outros. O médico luta para ajudar o doente, para vencer a doença, o chefe de escritório para o desenvolvimento da firma, pela necessária cooperação dos empregados, o missionário para a salvação do incrédulo, o soldado para a vitória sôbre o inimigo. Sofrer a vontade de Deus implica a conquista de si mesmo. Exige autosacrifício, humildade, paciência, confiança absoluta. Ficar preso na cama por dias, meses, semanas, anos, ou pela vida tôda é mais difícil do que comandar um assalto de fôrças armadas. Sofrer pacientemente uma doença incurável sem esperanças de alívio, exige mais heroismo do que a conquista de qualquer batalha histórica. Ver o dinheiro se escoar de uma hora para outra, perder o emprêgo, fracassar numa emprêsa e crêr que Deus ainda domina o mundo é maior vitória do que fazer fortuna, do que conseguir uma promoção, do que triunfar numa causa específica.

"O cálice que meu Pai me deu, não o beberei?"

Houve dias de fartura, de abundância, de mel e leite, de maná e de aves mandadas do céu. Chegou a hora da taça amarga. Vem tudo da mesma fonte. A fôrça que não faltou na luta, será paciência no descanso forçado. A coragem e a ousadia dão lugar ao silêncio e à confiança. A paz substitui a alegria exuberante.

Na absorção da taça amarga, os frutos do espírito se multiplicam.

Deixemos a prescrição da dieta a critério do Criador. Êle sabe o que é melhor para cada um e êle ministra a amargura juntamente com a graça necessária para a absorção da última gôta do cálice.

Maria Amélia Rizzo
Jacksonville — Flórida

SEM NOME

Quando os jornais noticiaram a existência de centenas de galões de leite em pó amontoados em um dos armazens das docas de Santos, há um ano retidos e já em processo de deteriorização, nós não acreditamos. Não era possível que a informação correspondesse à verdade. Êsse leite em pó fôra enviado por grupos evangélicos dos Estados Unidos para socôrro de populações de crianças sub-nutridas aqui em S. Paulo. Crianças morrem diàriamente neste grande Estado. Mas o leite em pó, que podia minorar-lhes o sofrimento, era retido em um dos armazens das docas de Santos. Informação inacreditável.

Há poucos dias estivemos em Santos e mostramos desejo de visitar êsse armazem para nos certificarmos, à semelhança de Tomé. Mas um amigo logo se encarregou de dissipar as dúvidas e as esperanças que ainda tínhamos: de fato o armazem lá estava ainda repleto, à espera de transporte para levar aquêle material... para o lixo. Êsse amigo lá estivera, vira com os próprios olhas, e não pudemos deixar de nos render a essa evidência. Êsse amigo nos merece absoluta confiança.

Regressamos de Santos aterrado com a autenticidade da informação veiculada pelos jornais. Durante vários dias pensamos no nome que daríamos a essa ocorrência. Não encontramos nome. Não há nome para tal crime, tão hediondo é êle.

E isso não é o pior. O pior é que ninguém é culpado disso. Todos estavam interessados em "liberar" a mercadoria para que ela chegasse ao seu destino Mas a mercadoria não chegou ao seu destino. Agora está sendo removida para o lixo. Vamos pagar para que os caminhões da Limpeza públiea desobstruam o armazem.

Durante todo o ano as crianças continuaram a morrer de sub-nutrição. Mas os que nos dirigem tiveram a mesa sempre farta. Comeram bem durante o ano. Dormiram bem. Tranquilamente. Êles não têm consciência. Êles só têm estômago, e bolsos fundos. O Brasil é um país cujos dirigentes são irresponsáveis. Nossa lei é bela no papel. Nunca vimos um dirigente nosso na cadeia pelo não cumprimento do dever. Só prendem Promessinha. Os que fazem belas promessas em épocas de eleições e roubam e não cumprem o dever durante o exercício do mandato nunca são presos. Quando o serão?

O que perguntamos a nós mesmos e perguntamos ao leitor é só isto: que temos nós que ver com ocorrências semelhan-

tes a essa? Nada? Nós não somos o diretor das docas de Santos, o Secretário da Saúde, o Chefe de Polícia, o Ministro da Justiça, o Ministro do Exterior, o Presidente da República. Nada podemos fazer. Será que nada podemos fazer?

Na verdade estamos aterrados e não sabemos o que fazer para corrigir êsses males. O que sabemos é que isso não pode continuar por muito tempo mais. Um dia a casa cai. E nós (nós e o leitor) estamos debaixo do telhado. Nós também sofreremos. E' preciso fazer alguma coisa.

Alguns sonhadores vivem a proclamar que o Brasil é o país do futuro. Resta indagar: de que futuro? A julgar pelo que está ocorrendo, nosso futuro será muito triste. O Brasil não teve passado bom, tem um presente vergonhoso, e terá um futuro... qual? Nossos irmãos do nordeste morrem de fome, ao desabrigo, sujeitos à inclemência cega da natureza. Os recursos que particulares mobilizam para ajudá-los nas horas de crise, nunca lhes chegam às mãos. Ladrões à beira das estradas roubam. E o Brasil está pretendendo aumentar sua taxa de imigração. O imigrante estrangeiro aqui chega protegido e ajudado pelo govêrno. Mas o imigrante nordestino, o nosso irmão de sangue e raça, êsse nunca mereceu dos nossos governantes a atenção necessária para a solução dos seus problemas básicos.

Dê o leitor o título que quiser a esta nota. Nós não encontramos no dicionário um adjetivo com o qual pudéssemos colorir o prêto, o negro horror dessa situação.

Parece que o Brasil é um imenso circo. Nossos governantes uns pequenos palhaços sem graça.. E nós? Nós somos expectadores que riem.

Mas um dia o circo pega fogo. E então!

L. B.

FE' E VITÓRIA

Na biografia ed Roberto Moffat, escrita pelo seu filho, aparece a narrativa de um fato que ilustra bem a natureza da fé que leva ao triunfo. Moffat estava na Árica evangelizando as tribos da Bichuanaland. Havia dez anos que se empenhara nesse serviço e prosseguia sem obter frutos. Ninguém se convertera. Os diretores da organização missionária que o mantinham lá começaram a crer que era inútil prosseguir naquela obra. Nessa ocasião, um amigo do missionário escreveu à senhora Moffat perguntando o que é que ela queria de presente. Ela respondeu: "Mande-me um aparêlho de Santa Ceia; tenho certeza de que êle será necessário". Logo depois um grupo de seis bechuanas uniram-se à igerja. O aparêlho para a Santa Ceia chegou às mãos do misisonário apenas um dia antes do que fôra marcado para a cerimônia religiosa.

Trabalhar dez anos sem fruto algum e sem perder a fé representa de fato uma atitude heróica e digna de imitação.

MENTE E CORPO

Há casos, na história médica, de prisioneiros tão cheios de pânico, ao enfrentarem a guilhotina, que morreram antes de serem executados.

Muitos soldados, julgando-se mortalmente feridos, têm morrido nos campos de batalha, sem terem sido tocados por nenhuma bala.

Um pânico repentino pode embranquecer os cabelos numa só noite e até dar uma morte súbita.

Conta um jornal de medicina que um médico alemão, ao passar numa ponte, viu um rapazinho a lutar contra a corrente. Lançou-se à água para o socorrer, e, quando chegaram à margem, viu que êsse rapazinho era o seu próprio filho. No dia seguinte, os seus amigos não o reconheciam; os cabelos tinham-lhe encanecido todos.

Quando Luiz de Baviera soube da inocência de sua mulher, que mandara matar por a ter julgado infiel, os cabelos tornaram-se de côr de neve em poucos dias.

Quando Carlos I tentou fugir do castelo de Carisbrooke, embranqueceram-lhe os cabelos numa noite. Os de Maria Antonieta mudaram também repentinamente de côr no meio da angústia. Num dos seus retratos que deu a uma amiga, escreveu: "Encanecidos pela aflição".

Poderíamos multiplicar infinitamente exemplos semelhantes. O pavor modifica a circulação do sangue e tôdas as secreções. Embranquece os cabelos, paralisa o sistema nervoso, e pode causar até a morte. Isso é bem notório. Tudo o que consegue tornar-nos felizes, tôdas as emoções agradáveis desobstruem os vasos capilares e facilitam a circulação do sangue; o pânico, pelo contrário, aperta os vasos e estorva essa circulação. Pode notar-se a palidez dos que têm mêdo.

Se um terror súbito pode produzir tais efeitos, que diremos nós da nociva influência do mêdo crônico que, durante anos, muito lentamente, envenena o organismo?

A ansiedade crônica é moral.

Marden.

O ENSINO QUE NÃO SE ENSINA

Juvenal Ricardo Meyer

Os programas de nossas escolas têm em vista ùnicamente o desenvolvimento intelectual dos alunos. Além da inteligência, porém, a criatura humana é dotada de um espírito. O espírito é a parte pensante que está ligada a uma série de fatos e pontos de vista que têm grande importância para a vida. É do espírito que depende o senso estético. É o espírito que nos diz o que é digno e o que é indigno. É o espírito que dá vida à moralidade. A intuição que temos sôbre o que é louvável e sôbre o que é condenável depende do espírito.

Sempre me recordo com profundo sentimento dos anos em que cursei uma escola primária e um estabelecimento oficial de ensino secundário. Não posso deixar de lamentar o fato de numa ter ouvido uma palestra siquer, de um dos professôres, fazendo o elogio da verdade, da perseverança, da retidão, do espírito tolerante ou do senso de solidariedade humana. Como acontecia naquele tempo, os mestres de hoje admitem que essas virtudes são ensinadas em casa. Via de regra não o são. Os próprios educadores sabem disso, porque os casos de fraude, furto, cinismo e desrespeito à verdade não constituem exceções dentro de suas classes. Porisso, é de esperar que aqueles que presenciam a consumação de tais irregularidades num ambiente de indiferença acabem tomando essas irregularidades como atos sem grande importância e até naturais.

Não nos espantamos, pois, quando tivermos notícia do número crescente de desmandos, falcatruas, velhacarias e de delitos de tôda a espécie. Tais práticas resultam sempre de uma formação espiritual deficiente. Em casa os pais mal têm tempo para ver e conversar com

os filhos. Na rua, nos logradouros públicos, nas classes, no cinema o que vêm e o que ouvem não é geralmente o que mais favorece o seu caráter. O resultado é a criação de um clima propício ao desenvolvimento de interêsses subalternos, de abusos, de irresponsabilidade, de golpes e de atitudes suspeitas.

Hoje, mais do que nunca, se faz necessária uma revisão dos valores humanos que devem ser desenvolvidos pela educação. E' urgente que os responsáveis pelo que se ensina em nossas escolas levem em conta êste lado da nossa cultura. O esfôrço que não se faz em casa precisa ser feito nas escolas. Não basta que a inteligência seja favorecida com conhecimentos científicos e técnicos. E' importantíssimo que também se possua um patrimônio de princípios orientadores da conduta. Sem êsse patrimônio a cultura técnica e científica pode até se tornar perigosa como a daquele bacteriologista que para se livrar da espôsa colocava culturas de bacilos da febre tifóide nos alimentos que ela ingeria. Afrânio Peixoto dá a entender no seu tratado de Medicina Legal que a cultura da inteligência sem a cultura do espírito é melhor processo para criar malfeitores eficientes.

Os educadores, portanto, carecem urgentemente de tomar providências. Aos órgãos de publicidade cabe encetar uma campanha neste sentido. Sem isso a derrocada da nossa civilização será fatal. Acabaremos transformados em grandes quadrilhas de "gangsters" em que as maiores vantagens serão desfrutadas pelos mais violentos, pelos mais atrevidos, pelos mais fortes fìsicamente, pelos menos dignos e pelos menos capazes sob o ponto de vista moral.

Como está sendo realizada entre nós, a educação da nossa juventude se ressente de uma grande lacuna. Essa lacuna é a da formação cívica e moral. Se aqueles que a reconhecem fizerem um esfôrço eficiente e bem orientado, com o auxílio da imprensa, junto aos poderes públicos, para que tôdas as nossas escolas obrigatòriamente tenham como parte muito importante do currículum, cursos de primeira ordem para o desenvolvimento d'aquilo que a personalidade humana tem de melhor, então, dirigida por pessoas capazes e que se imponham pela própria dignidade, uma geração diferente poderá influenciar de modo muito melhor sôbre os destinos do nosso país, tornando-o digno do destino que merece. E' o que estamos carecendo mais. Decência, moralidade e caráter.

MAIS DO QUE UMA RESOLUÇÃO

Walter D. Cavert

RENUNCIAI À VOSSA VELHA NATUREZA... E REVESTI-VOS DE UMA NOVA NATUREZA, CRIADA À SEMELHANÇA DE DEUS
(Efésios 4:22, 24)

Dizem que o poeta Shelley teve um sonho no qual lhe apareceu uma figura encapuçada a lhe fazer sinais. Quando o poeta se aproximou da aparição, levantou-lhe a máscara e, vêde! estava ali a sua própria cara!

Shelley contemplava silenciosamente sua própria imagem, quando a figura lhe pergunta: Estás satisfeito?

Pois aí está uma pergunta que todo cristão devia fazer a si mesmo, nem para outro fim separou a Igreja a quaresma senão para que seja um tempo de auto-exame e auto-apreciação. E tal operação só se faz retamente quando procuramos ver-nos como realmente nós somos. Digamos como Whittier:

> *Aquieta-te, minha alma, e, nas trevas do silêncio,*
> *eu te interrogarei.*

Até que ponto estamos satisfeitos com as nossas conquistas morais e espirituais? Estamos crescendo di a dia no conhecimento e no amor de Deus, em nossa sensibilidade às necessidades dos outros, em nossa devoção à Igreja como o corpo de Cristo? Estamos encontrando uma nova alegria em nossa religião devido a uma mais profunda afinidade com Cristo?

Muitos membros de Igreja pensam que a quaresma é o tempo tão sòmente para uma superficial auto-renúncia. Abandonam um hábito como fumar ou ir a cinemas. Ou, em vez de subtração, praticam um problema menor de adição e assim procuram fazer-se um poucochinho melhor indo mais regularmente à Igreja, lendo a Bíblia e orando mais freqüentemente. Muitas vêzes negligenciam enfrentar o significado mais profundo da vida cristã, praticando o que o Irmão Lourenço chamou "enganar-se a si próprios com devoções triviais." Executam algumas das formas de piedade, mas falham em encontrar a sua fonte e o seu poder.

Tal orientação inicha nosso orgulho espiritual e se torna um substituto da mudança radical que poderia resultar de se fazer da vida tôda inteira uma oferta a Deus. O de que mais necessitamos não é algo que possamos fazer para nós mesmos, mas a completa transformação que sòmente se realiza através do amor e da graça de Deus.

Frederico W. Robertson, que se tornou um dos mais estimados pastôres ingleses de sua geração, provem de uma família de militares e a princípio tencionava mesmo seguir a carreira das armas. Depois êle julgou que Deus o chamava para o serviço da Igreja. Não é fácil romper com um passado que representava tradição de família, prestígio social, posição profissional. Penetrou sòzinho numa Igreja e dirigiu o serviço fúnebre de seu próprio velho *Eu*, de modo que um novo Eu, completamente entregue a Cristo, pudesse começar a existir.

Foram a novidade e o vigor de vida da parte dos cristãos primitivos que exerceram uma influência transformado no mundo antigo. Há algum tempo atrás o Dr. Cyril Richardson, num artigo na Revista Trimestral do Seminário Unido, chamava a atenção para as pinturas a fresco que, nas catacumbas, representam Cristo como um jovem imberbe nas vestes do Bom Pastor. Dêste modo o representavam, diz o autor, não apenas para significar que Cristo realizou a sua obra quando era moço.

A arte das catacumbas é o símbolo da faculdade criadora da vida cristã. "É a fôrça propulsora do cristianismo," declara o Dr. Richardson, "a interpretação de que o mundo foi feito novo na pessoa de Cristo, de que a antigüidade fôra por fim vencida pelo vigor da vida moça."

O século primeiro não esperava nada de novo. Havia muito tempo vinha a filosofia grega ensinando que a história se move em círculos e que o que acontece em uma geração é a repetição do que acontecera antes. Nicodemos reflete essa atitude quando pergunta como um homem podia nascer de novo, sendo já velho. Com Cristo uma nova fôrça entrou na história. Por meio dêle o velho se fêz novo.

Esta possibilidade de uma novidade de vida é um desafio a nossa era. Vivemos num mundo que se fêz velho. A ciência pode apressar a sua destruição mas não pode fazê-lo novo. Isso só pode suceder quando o poder de Deus se liberta através de Cristo.

Qualquer novo mundo precisa ter novo material humano com o qual ser construido. Devemos começar com nós próprios. Há pouca esperança para a humanidade até que mais pessoas estejam dispostas a abrir os seus corações para Deus, que é de amor e de justiça, e permitir que Êle transforme-as em pessoas diferentes.

O de que precisamos na quaresma não é fazr uma nova resolução, porém iniciar uma revolução. Pode ser começada por qualquer um que se disponha a provar a experiência que habilitou Paulo a dizer: "Não sou eu mais quem vive, é Cristo que vive em mim."

(*Presbyterian Life*, trad. de O. A.)

Ciência e Religião

A ciência lançou fora a religião em suas formas tradicionais. Contudo, a ciência de si mesma é incapaz de encher o vazio. A ciência deu ao homem um domínio sem precedentes sôbre a natureza do não humano, incluindo a matéria habitada pela alma. Mas a ciência não ajuda o homem a dominar-se a si mesmo. E o domínio próprio é sempre o problema urgente e difícil do homem.

Arnold Toymbee

DEUS
E O
HOMEM

Adauto Araújo Dourado

"E criou Deus o homem à sua imagem". Eis a sentença simples e profunda do Gênesis, que nos apresenta o grande tema: Deus e o homem.

Vejamos, primeiramente, a atitude de Deus para com o homem. Antes de tudo, é criadora. E' nesse sentido genérico que todos os homens são filhos de Deus, porque todos foram criados por Êle.

A atitude de Deus para com o homem, porém, não é sòmente criadora, mas também redentora. Deus ama a sua criatura. E por isso, já no Gênesis, aparece a promessa de redenção, que se cumpriu na pessoa de Jesus. "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

Êsse Deus criador e redentor mantém ainda atitude de permanente boa vontade para com o homem. Deus é sempre bom e está sempre pronto a nos perdoar e ajudar. Vicente de Paula revelou, em sua vida, esta atitude de permanente boa-vontade, que Deus tem para conosco. Sentindo que os dias lhe iam findando, Vicente de Paula aproxima-se de um dos seus discípulos e lhe diz: "Eu vou morrer. Você vai ficar em meu lugar. Mas você precisa ter muita paciência e não se zangar com os humildes, quando se manifestarem ingratos pelos favores recebidos, porque nada é mais difícil para se perdoar do que os favores recebidos".

Prezado amigo, lembra-te sempre destas verdades simples mas importantíssimas: Deus te criou, Deus te ama e Deus te busca para te fazer feliz.

Agora, vejamos a atitude do homem para com Deus. O homem

que fôra criado por Deus, à sua imagem e semelhança, e que fôra colocado no paraíso edênico, assume para com o seu criador e benfeitor atitude de rebelião. Essa atitude de rebelião está dramàticamente representada na atitude do filho mais moço da parábola: "Pai, dá-me a parte que me cabe dos bens. E êle lhes repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante, e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente."

Perguntaria alguém: por que Deus não criou o homem incapaz de errar ou pecar? Porque criou personalidade. A Bíblia nos ensina que Deus é Pai e os pais querem filhos e não bonecos, embora os filhos nos dêm mais trabalho do que os bonecos que não nos podem contrariar.

O homem, porém, não é sòmente rebelde. Pode reconciliar-se com Deus. Jesus é o nosso reconciliador. A Bíblia ensina: "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo". É bom que se note que é o homem quem se reconcilia com Deus e não Deus com o homem, porque Deus sempre mantém a sua atitude de amor e permanente boa-vontade. Figurada mas fascinantemente, Jesus descreve a reconciliação do homem com Deus, nestes têrmos: "Caindo em si, disse: Quantos trabalhadores do meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai,, pequei contra o céu e diante de ti: já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha êle ainda longe, quando seu pai o avistou e, compadecido dêle, correndo, o abraçou e beijou".

Como vimos, de modo geral, todos os homens são filhos de Deus, porque todos foram criados por Deus. Mas a Bíblia reserva a expressão "filhos de Deus" para designar os que se voltam para Deus e se reconciliam com êle.

De acôrdo com São João, são filhos de Deus os que recebem a Jesus em seus corações: "Mas a todos os que o receberam, aos que crêem em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus".

Na carta aos Gálatas, São Paulo diz que os filhos de Deus são aqueles que crêem em Jesus Cristo: "Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus".

No Sermão da Montanha, Jesus ordena: "Amai aos vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus".

São Paulo escreve: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus".

Resumindo o ensino bíblico, declaramos que são filhos de Deus os que aceitam a Jesus Cristo, crêem nêle, amam o próximo e são guia-

dos pelo Espírito Santo. Prezado amigo, examina-te a ti mesmo. És filho de Deus? Deus é Pai e tu poderás ser filho de Deus, se te reconciliares com êle, mediante Jesus Cristo. Aceita-o agora mesmo como o teu Salvador pessoal e Senhor da tua vida.

——)•(——

CANTANDO APENAS

Mahatma Gandhi viajava de trem na Índia, e, como era seu costume, ia num carro de terecira classe. Nem um dos passageiros o reconheceu.

Durante a viagem, um indivíduo cuspia constantemente no assoalho do carro. Gandhi o admoestou, mostrando-lhe o perigo que aquêle costume podia representar para a saúde pública. O homem se exasperou e disse:

— Trate das suas próprias coisas. Quem é você que assim atreve a corrigir-se?

E continuou praticando seu costume anti-higiênico. Gandhi nada mais disse.

Minutos depois aquêle homem tomando sua guitarra, começou a cantar uma cançoã popular em honra a Gandhi. Na estação em que êste ia desembarcar, grande multidão o esperava. Então aquêle homem percebeu logo que a pessoa a quem molestava tão gravemente, outra não era senão o grande herói nacional. Prostando-se diante de Gandhi, suplicou-lhe que o perdoasse.

— Nada tenho que perdoar-lhe — respondeu-lhe o herói. Mas vejo que és um daqueles que não praticam o que eu aconselho, e, todavia, cantam hinos em meu louvor.

Vida Espiritual

Argemiro Oliveira Souza

O homem não foi criado para confiar-se no mundo da materialidade. Não. Diz a narrativa da criação no livro Santo que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e, ato contínuo, pôs-lhe ao domínio a terra e os animais nela existentes. O ser humano é, ipso facto, superior a tôdas as outras criaturas do mesmo Criador cognocíveis. E' moral, inteligente e responsável, propenso, regra, a progredir nos diversos aspectos da personalidade. Isto porque, embora imperfeito, traz em si — na essência do ser — a imagem daquele Ser absolutamente perfeito, que é Deus. Por isso que o ser humano prima por aspirar à perfeição. Esta legítima aspiração torna-o um ser incontido nas constantes arrancadas ascenssionais rumo ao progresso.

Herói de muitas lutas, o ser humano é complexo na experiência de sua própria vida. Que é a vida? Não sabemos. Conhecemos-lhe apenas as manifestações no cenário da presente existência. E neste cenário multissecular a vida manifesta-se por modos mui diversos, formando um conglomerado de experiências contraditórias, quase sempre, mas que constituem, no conjunto, um todo harmônico, que é exatamente a vida em si mesma, no seu aspecto fenomenal, como nós a vemos e sentimos. Êste é, a nosso ver, o aspecto importante, prático, em que o Deus transcendente se põe ao alcance de nossa experiência, harmonizando nossas experiências diversas por meio de imprimir, a cada acontecimento da vida individual, um propósito sábio. Tudo o que acontece na vida do verdadeiro cristão nada mais é do que o atualizar de um propósito divino, que é a manifestação da vontade do

Deus Soberano. E o apóstolo São Paulo, o grande missionário e teólogo do Cristianismo nascente, compreendeu bem esta verdade quando disse: "tôdas as cousas contribuem, no seu conjunto, para o bem dos que amam a Deus"!

Ser cristão é ter experiência com Deus através de Jesus Cristo. E é a experiência com Deus que leva o indivíduo a compreender essas palavras do Apóstolo tão profundas mas tão experimentais e confortantes. E' na experimental compreensão dessa importante verdade que está o verdadeiro sentido da vida humana. Sem a experiência com Deus o homem perde o sentido espiritual da vida e vai materializando-se. Vêm daí as guerras, essa tremenda aberração em face do Cristianismo. E' a conseqüência natural de o homem, alienado de Deus, não compreender o verdadeiro sentido da vida humana. Compreendesse o sentido espiritual da vida e a grande significação que lhe empresta o Cristanismo, e o homem seria capaz de reverenciá-la e envidar esforços visando à edificação, jamais à destruição dela.

Mas nem por isso Deus foge à experiência humana e a vida deixa de atualizar o divino propósito. Não. E é exatamente a esta base que a Religião é, ainda hoje, um recurso maravilhoso de que se deve valer o homem nos embates da vida. A Religião consistente da comunhão viva e vivificante com Deus; a Religião cuja essência é a ligação do ser humano com Deus; a Religião em que Deus permeia a vida do homem em tôdas as suas manifestações é, sem dúvida, uma fôrça incomparável a propulsar o religioso para as grandes vitórias.

O Evangelista São João conta, no capítulo onze do seu Evangelho, interessante experiência neste sentido. Nosso Senhor Jesus Cristo, nos tempos em que vivia neste mundo, era amigo de uma família muito religiosa, sem dúvida, da pequenina aldeia de Betânia, nas proximidades de Jerusalém. Certo, naquela casa Jesus hospedou-se mais de uma vez. Um dia, estando ausente dali, recebeu Êle pungente recado daquela família nestas palavras — "eis que está enfêrmo aquêle que tu amas". Referia-se à enfermidade de Lázaro, irmão de Marta e Maria, que eram os membros daquela família. Morto e sepultado Lázaro já há quatro dias, eis que chega Jesus para atender-lhes o pedido. E foi extraordinária a experiência por que passaram aquelas mulheres, vendo Jesus ressuscitar Lázaro, sepultado há 4 dias. Porque eram verdadeiramente religiosas, sabiam de experiência própria que Deus se interessa pelos problemas humanos e atende os humanos apelos feitos com sinceridade e fé. Nossa vida tem extre-

mos angustiosos, muitas vêzes. Mas Deus a nada disso é alheio e põe-se ao alcance da experiência de seus filhos para que êles O busquem. E a verdadeira Religião consiste, essencialmente, em o ser humano ter experinêcia com Deus através de Jesus Cristo. Quem cultiva essa experiência tem sempre a certeza de que pode apelar para Deus nas circunstâncias mais angustiantes da vida e ser por Êle atendido. Vale a pena, pois, cultivar a experiência com Deus.

•

CONSELHO SÁBIO

E' do médico Victor Heisser e está no seu livro "Seja o seu próprio médico". Eis o que êle diz:

"A ira e o sorriso atuam ambos fisiològicamente sôbre as glândulas de secerção interna, que, por sua vez, são os grandes mentores da saúde. Houve quem se desse ao trabalho de comprovar que são necessários 26 músculos para rir e 62 para franzir a testa. Há grande veracidade na convicção de muitos indivíduos de que uma atmosfera agradável é essencial à boa digestão. O efeito da raiva foi medido experimentalmente em animais: a simples presença de um cão poderá paralisar o processo digestivo de um gato. Enquanto. Enquanto uma pessoa ri, os músculos do diafrágma, do tórax e do abdomem estão sendo vigorosamente exercitados. À proporção em que o ar se modifica nos pulmões, multiflica-se por 7, o estômago e intestinos são bastante sacudidos, o que lhes faz um grande bem. As pessoas de mais idade, propensas a perder o hábito do riso, deveriam cultivá-lo deliberadamente.

TEU LAR

UM NINHO VAZIO?

Evelyn Millis Duvall

Chegará uma época em tua vida em que não terás mais os teus filhos em tua companhia. Teu último filho, adulto agora, arranjou as malas e partiu, deixando-te em teu ninho vazio. Quão estranha a tranqüilidade da casa! A tua vida parece muito diferente, sem ninguém a te interromper para saber o que estás fazendo, para pedir alguma cousa que comer, para mais dinheiro, ou apenas para um dedo de prosa. Para aonde ires agora que teus filhos estão criados? Quem és tu, agora que teus filhos estão grandes e não mais necessitam de teus cuidados? Tu sentes talvez que tua mais importante obra está completa, quando, todavia, tua existência ainda está pela metade. Que farás com o resto de tua vida?

Tão absorvida andavas nos cuidados do lar para teus filhinhos que nunca refletiste no dia em que êles teriam de o abandonar. Durante o período do crescimento dêles, tu centralizaste em tua vida de família tudo o que dizia respeito ao bem-estar de tuas crianças. Enquanto bem pequeninas, andavas ativa providenciando-lhes alimento, roupas, remédios, divertimentos. Logo mais, as visitas ao dentista, ao professor de música, a azáfama no preparo para o ônibus escolar, tôda manhã. Churrasco e piqueniques, excursões ao zoológico e à praia, o bulício dos feriados, das festas de aniversário, as idas à igreja e à escola dominical através do ano.

Chega a época da adolescência e tuas ocupações são diferentes. Gastas uma hora inteira ajudando a menina-moça a preparar-se para uma festa, ou arrumando a casa para receber visitas especiais de uma hora, de uma noite ou de um dim de semana. À noite ficas acordada atenta ao barulho do automóvel que deve trazer o filho mocinho de volta de seu divertimento, e ali estás esperançosa de que êle, ainda antes de se deitar, te venha contar alguma cousa. Discussões longas e veementes tiveste com teu marido e com os filhos a respeito de o que êles irão fazer ou ser, a respeito de seus amigos, seus passatempos, seu futuro.

Chega por fim o tempo da apresentação do Esperado — o teu futuro genro. E então as horas voam. Apresentam-se inúmeros detalhes a providenciar, os excitados debates sôbre a habitação dos jovens nubentes, sôbre seus meios de vida, a ida e vinda incessante de moços e moças, dia e noite.

Já agora é outro filho que segue para a universidade ou para o serviço militar — e segue-se igual excitação, igual reboliço. Aprontando o pimpolho para deixar a casa pela vez primeira, providenciando para que êste teu filho — agora crescido — parta levando tudo o que é necessário no mundo lá fora, eis aí tarefas absorventes que te trazem ocupada e te concede a doce satisfação de te reconheceres como uma pessoa útil e necessária.

Há cinqüenta anos, ou mais, não se conhecia isto que se chama idade intermédia. Um casal raramente vivia até ver seu último filho casado. Em tempo de nossos avós uma pessoa de cinqüenta ou sessenta anos era "velha". O quadro que representa uma mãe sentada numa cadeira, as mãos tranqüilamente repousadas no regaço, é um símbolo que bem refletia a experiência comum da mulher idosa e fatigada ao ver os seus filhos crescidos.

E' diferente a experiência que te espera. Quando teus filhos tiverem de deixar o lar, é bem provável que ainda tenhas metade de tua vida pela frente, para ser vivida. Há diversas razões para tal mudança: 1) em tua geração a vida se prolonga por um período maior do que nas gerações passadas; 2) os filhos casam-se hoje em dia mais cedo do que em tempos passados; 3) tendo menor quantidade de filhos do que então era comum, atinges mais cedo o teu período de criação de filhos.

Desta maneira, tu que casaste antes dos vinte anos, que casaste dois ou três filhos antes que êles tivessem vinte anos, te encontras agora em teu ninho vazio antes que tenhas a idade de cinqüenta.

O homem ou a mulher de meia idade hoje em dia acha-se literalmente no melhor da vida. Tenha 40, ou 50 ou 60 anos de idade, está

normalmente tão robusto como sempre esteve. Oh, há sim pequenas amostras de que não és tão moça quanto antes. Já não sobes as escadas de dois em dois degraus, como o fazias quando eras jovem. Queres ler um número na lista telefônica e precisas de óculos. O cansaço vem depressa e o rendimento físico é inferior. Todavia, para todos os fins práticos tu te sentes tão ágil como eras nos anos passados.

Ainda outras vantagens tens em tua qualidade de pessoa de meia idade, num ninho vazio. Tens maiores vagares do que antigamente. Tua casa está em ordem, dependendo apenas de reformas que farás para ti mesma. Sólida é a carreira de teu marido. Como mulher, te aperfeiçoaste no tirocínio caseiro, de modo que tuas tarefas decorrem com facilidade. Tu e teu marido ganhastes a sabedoria da maturidade: isto te ajuda a planejar o que realmente desejas fazer e habilita-te a evitar atividades fúteis, fastidosas ou sem importância que outrora esgotavam tuas fôrças e tua paciência.

Financeiramente, também, estás livre da preocupação das contas que mensalmente te faziam recordar o alto custo da vida no sustento da família. Por ocasião do casamento do último filho, já teras com certeza pago a hipoteca e estás livre do peso dos pagamentos mensais devidos pelas diversas cousas então necessárias. Falta ainda muito tempo para precisares enfrentar as despesas inerentes à idade avançada. Tens maior segurança pelo futuro hoje do que tinha o teu pai ou teu avô. Podes descansar e respirar agora de um modo que antes consideravas impossível. Seguramente, aquêles tempos foram os melhores tempos, todavia. Foram-no, realmente? Por que é que achas difícil ser profundamente feliz, perfeitamente satisfeita, contente deveras? Eis a pergunta decisiva do período do ninho vazio.

Os problemas dos primeiros anos de casados giram em tôrno de **ação** — estabelecer um lar, ganhar a vida, cuidar das crianças. As oportunidades do ninho vazio se referem a **transformação** — transformar-se numa pessoa com a qual a gente possa viver em perfeito contentamento. Pensa, por exemplo, nas questões realmente grandes que agora tens que enfrentar e que talvez não ousaste ainda formular um ao outro.

Que podes fazer para que tua vida matrimonial seja mais rica de significado? Agora que tendes tempo um para o outro, e maior disponibilidade do que anteriormente, que podeis fazer para vos completardes mùtuamente de tal modo que ambos vos sintais profundamente amados, realmente compreendidos, companheiros íntimos para os quais o melhor ainda está por vir?

E' muito freqüente marido e mulher como que se afastarem durante os anos da educação dos filhos. E' que êle está fora no mundo dos negócios, e aí mesmo é que tem de estar, para não faltar nada à família. Ela se emaranha nos deveres domésticos de tal maneira que raramente tem tempo para estar ao lado do homem de sua alma. Ambos se consideram antes "pai" e "mãe" do que cônjuges queridos. Agora, com o resto da vida pela frente, o casal sente a necessidade de encontrar novas satisfações na vida conjugal. Estas não virão imediatamente, porém passo a passo, na medida em que cada qual procura aprender de novo os papéis que uma vez os ajuntou no desejo ardente de se tornarem os dois uma só pessoa.

Peculiarmente masculinos são os problemas de teu marido, quando êle entra na idade do ninho vazio. As idades de "quarenta" e "cinqüenta" para o homem, são consideradas "idades perigosas". É quando êle se dá a devaneios, no pressuposto de ainda ser jovem e donairoso. Porém, os problemas de um homem de meia idade são ainda mais profundos.

Através dos primeiros anos como marido e pai, está o homem cheio de esperanças de obter grandes êxitos. Nesses planos e nesses sonhos é êle impelido durante pelo menos vinte e cinco anos. Agora êle se harmoniza com o que êle realmente é e não com o que êle desejará ser. No estágio do ninho vazio êle percebe que o seu êxito é limitado. Já admite para si mesmo os seus fracassos e limitações, sem esperança de que o futuro "mudará tudo isto". Se o empurras e o incitas para a frente, já não responde à pressão, como antigamente. Êle é "perigoso" principalmente por causa de sua luta interna em se apreciar como realmente êle é. Cabe-te o dever de ajudá-lo a sair dessa luta, amparando-o em novos níveis de aceitação-própria.

Os teus problemas feminis, quando descobres que teus filhos cresceram e tua casa se esvaziou, são principalmente os de encontrar um lugar onde tuas habilidades, tua perícia, e a necessidade, que sentes, de ser útil possam ser usadas. Se te apegas a teu papel de mãe e te entremetes na vida dos filhos, estás correndo o risco do "mãemismo" tão vìvidamente descrito por Felipe Wylie na Geração de Víboras. Se tentas ser muito útil nos negócios de teu marido, tornas-te uma intrusa, a menos que tenhas aprendido de longa data a distinguir o que lhe seja de real auxílio daquilo que êle ressinta como uma interferência. Correr a roda de atividades superficiais, dessas de matar o tempo, isto é exaustivo para uma mulher acostumada a tarefas mais sérias. Dêste modo, enfrentas as perguntas: — Quem sou eu? — Que posso fazer? e — Dêste ponto, para aonde irei? Podes arranjar um emprêgo, mas é justa-

mente um emprêgo o que falhará em satisfazar-te em tua ânsia de realização. A tua necessidade é a de encher os anos de teu ninho vazio com realizações tão vitalmente criadoras que dêem sentido a êsses mesmos anos.

"Uma mãe é sempre uma mãe" — isto é verdade sempre, mesmo depois que os filhos deixaram o lar. Uma mãe continúa a ocupar, para todo o sempre, um lugar muito significativo na vida dos filhos, mesmo depois de casados. Adultas, as duas gerações se associam, socorrendo-se mùtuamente de muitos modos. O casal jovem necessita de ajuda na instalação do lar. Há numa casa recém-estabelecida certos trabalhos nos quais são benvindas as mãos experientes. Há que cuidar das criancinhas enquanto a mãe novel ainda aprende o seu mistér: nesta ocasião, viva a sabedoria da mulher mais idosa! Se a mulher souber não grudar nos filhos casados, ela pode continuar a servir sem correr o perigo de se tornar uma sogra despótica.

O casal de meia idade, ou ainda mais velho, pode encontrar verdadeira alegria em conservar um "lar" para as jovens famílias de seus filhos casados. Pode manter uma casa de campo onde os filhos e netos gozem férias felizes e pouco dispendiosas. Divertem-se com seus filhos nas festas de aniversários e feriados e têm prazer especial em repetir, como só êles o sabem fazer, as histórias de quando eram moços, o que faz as delícias dos netos. Tais atividades inter-familiares podem ser tão ricas de conteúdo amorável que leva a gente a exclamar: — Anos vazios? — Ora essa, são os melhores até agora gozados!

A igreja e as atividades religiosas tornam-se, para muitos casais, o eixo de sua vida na meia idade. E' neste período da vida que muitas pessoas se tornam sustentáculos da Igreja Cristã, embora para situação de maior longevidade a Igreja esteja apenas iniciando a moralização de seus recursos. O saber, a experiência e os vagares, que tu e teu marido agora possuís, podem contribuir eminentemente para o fortalecimento da Igreja — e tudo o que fizeste até agora em vossa vida não foi nem mais vital e nem mais importante. Esta avenida de atividade tem tráfico em duas mãos. A Igreja está pronta para contribuir para o sustento de vossa vida espiritual e intelectual, a ministrar conselhos e soluções para aquelas dúvidas e indagações que meio século de vida suscitou em vossas mentes.

Horizontes mais amplos abrir-se-ão para ti e teu marido quando juntos estiverdes cuidando de assuntos e interêsses alheios. Enquanto vos absorveis na economia da coletividade e em problemas sociais, saís

fora de vós mesmos e vos atirais em correntes de vida mais rápidas e mais vastas. Agora, enquanto teu marido viaja para convenções ou outros encargos específicos, tu podes prosseguir no desenvolvimento de interesses mútuos. Vastos interesses humanos abrem fontes profundas de sensibilidade, que desafiam os recursos criadores de homens e mulheres maduros. Em seguida, quando marido e mulher regressam à casa cheios de novas realizações a partilhar e novas experiências a relatar, a vida dêles, como casal, encontra nova extensão de intimidade, um com o outro, e dos dois com as outras pessoas que se beneficiaram com os seus cuidados e empreendimentos.

Nem se diga que pretendemos que tudo o que fazeis o seja com um fim solenemente determinado. E' agora a ocasião para trazerdes à tona aquêles interêsses, que vos intrigavam e que tinham sido postos à margem anos atrás. Conhecemos um homem, por exemplo, que tinha impulsos frustrados de aprender a tocar piano; nunca talvez chegará a ser um Paderewski, mas êle provou não ser verdade que não podemos aprender uma habilidade complexa depois dos quarenta anos de idade. Talvez tendes desejado aprender uma língua estrangeira, ou construir uma mobília, ou pintar uma paisagem. Pois agora é o tempo.

O enferrujamento, e não a usura, é que é o verdadeiro perigo da idade mediana. A pessoa ativa, a pessoa idosa porém ocupada, essa é que retém o seu vigor. O problema consiste em começar alguma cousa que tenha sentido, que seja verdadeiramente significativa. Pode ser um emprêgo remunerado, ou com um pincel, ou com uma máquina datilográfica, ou num projeto na comunidade, ou num serviço de amor para com a igreja. Que seja uma ocupação capaz de projetar-vos em novos horizontes. Que vos obrigue a estudar e a aprender e a crescer. Que seja algo capaz de acordar em vós o sentimento de estardes sendo necessário no trabalho que executais com perfeição.

O ninho vazio? Não está realmente vazio. E' bem certo que os filhos que criastes cresceram e partiram. Mas aquilo, que aprendestes como pais, continúa ainda convosco para ser aplicado em novas situações ricas de compensações potenciais. A vida não pára quando deixa o lar o vosso último filho. Ela abre mais amplas e mais completas possibilidades para a pessoa que tenha a coragem de se tornar profundamente envolvida em um novo capítulo da experiência.

("Presbyterian Life", trad. de O. A.)

●

RISO

DOM DE DEUS

George P. Howard

Diz-se que êste mundo é um vale de lágrimas, e, não há dúvida, a vida traz-nos seus momentos de dor e tristeza. Mas é também um lugar de riso e alegria, e creio que rimos mais do que choramos. O riso não provém do maligno nem é inspirado por êle. No inferno não se ri. O gôzo íntimo que esboça um sorriso em nossos lábios, ou que torna risonho o nosso rosto, vem do céu. "Para tôdas as coisas há um tempo", diz o Eclesiastes, o enigmático livro da Bíblia: "Há tempo de chorar e tempo de rir". E Sara, mulher, de Abraão, quando abraçava o filho que não mais esperava, exclamou: "Deus me fêz rir".

Rir é próprio da criança. Pena é que tantas vêzes a temos feito chorar. O riso das crianças é o éco distante do gôzo e da paz que reinam no céu. Poderíamos nós captar essa exuberante alegria por meio da invisível antena de nossas almas, se aprendêssemos a ser crianças outra vez, com fé na vida e entusiasmo por ela.

"Dize-me de que ris e eu te direi o grau de inteligência a que chegaste", afirmou, recentemente, destacado educador. Sustenta êle que o riso é um índice de inteligência. E a capacidade para rir-se de si mesmo revela no homem um alto grau de inteligência. Não há necessidade de muita inteligência para rir-nos dos erros de outros ou dos contratempos alheios. Qualquer tonto pode fazer isso. Mas o homem que se atreve a rir de ridículas superstições, de costumes retrógrados e infantis, ou de tradições escravizantes, é um ho-

mem observador. Um mais alto grau de inteligência se descobre quando o homem é capaz de rir-se de si mesmo, do papel triste que desempenha em dada situação.

O riso é uma válvula de escape para as emoções em efervescência e sobretudo quando estamos irritados. Todos experimentamos repentinas explosões de ira. Todos temos um gênio fogoso. A diferença está em que alguns conseguem controlar-se e outros não. Um dos melhores métodos para sufocar o impulso da ira é deter-se um instante para rir — rir da situação que se apresentou e que muitas vêzes decidimos tomar muito a sério. É êsse o motivo pelo qual as pessoas dotadas de sentido de humorismo passam mais suavemente pelas experiência da vida e fazem maior número de amigos. A capacidade que têm para rir lhes dá fôrças para libertar-se dos sentimentos de ira e ressentimento que, doutra forma, poderiam deixá-las em sérias dificuldades. Quando o leitor se vir insultado, tratado com desdém, enganado, faça a prova de encarar a crise com um pouco de riso, ou pelo menos com um sorriso: ria de si mesmo porque foi tão fàcilmente ofendido; ria conpassivamente daquele que demonstrou tanta ignorância relativamente ao trato que devia dispensar ao próximo. É preciso ter, está claro, algo de filósofo e muito de cristão para saber distinguir sàbiamente entre o que só merece nosso riso condescendente e o que devemos levar a sério.

Tomemos cuidado com os que quase nunca riem. São velhos cujo espírito se fossilizou, ou muitas vêzes são homens que, cegos de soberba, pretendem ser mais sábios que os demais. Quanta crueldade e agonia poderiam ter sido evitadas se Hitler, Stalin, Mussolini, Peron tivessem tido um pouco de sadio humorismo para rir-se, ainda que às escondidas, de suas próprias bravatas! Com nosso riso burlesco poderíamos ter derrubado êsses ídolos de barro. O riso é arma eficaz para pôr a ridículo tôda manifestação de vaidade. Os ídolos da Grécia caíram ante o riso de Aristides. Os ídolos de Roma foram derribados pelo riso de Luciano. Frente ao riso de Cervantes os ridículos sucessores dos nobres da Idade Média desapareceram. Mais poderoso é o riso, do que as metralhadoras ou as dinamites, para dissipar erros que parecem inexpugnáveis. O dramaturgo Eugene O'Neil, em uma de suas obras, representa a Lázaro, ressuscitado por Jesus, falando pouco, mas rindo muito. Havia agora uma enorme diferença em como Lázaro considerava as coisas dêste mundo, após ter visto as do outro Estivera três dias na eternidade Tinha agora uma nova escala de valores com que julgar as coisas terrenas. Descobrira que muitas coisas que aqui apreciamos como importantes, lá não tinham qualquer valor. Tendo Lázaro voltado à vida, seus amigos trataram de atraí-lo para um negócio que oferecia lucros pingues. Mas êle se ria dêles. Vira as rique-

zas celestiais e sabia que a riqueza material amontoada nesta terra carece de valor permanente. O imperador romano, com tôda a pompa e o brilho de sua côrte, passou pelo povoado onde Lázaro vivia. Lázaro limitou-se a rir de tôda essa glória de um dia. O imperador, furioso, ameaçou matar Lázaro, mas êste sabia o que era a morte, e riu-se da ameaça. Como poderia temer a morte, êle que sabia que para além da tumba estava a realidade da vida eterna com Deus?

Surpreender-se-iam alguns, sem dúvida, se soubessem a freqüência com que a Bíblia fala de rir. Em um dos Salmos em que Davi contempla a rebeldia dos homens contra seu Criador, lemos: "Eis aqui o homem que não vê a Deus por sua fortaleza, mas que confiou na multidão de ssuas riquezas... verão os justos, e temerão; e rir-se-ão dêle" (Salmo 52:6). Outro Salmo observa como os homens às vêzes desafiam a Deus e faz esta extraordinária declaração: "O que mora nos céus se rirá". Sem dúvida, ao contemplar Deus a atividade do homem sôbre a terra, há de ver muito de que rir-se, e muito mais de que compadecer-se. Um sutil escritor alemão disse uma vez: "Só aquêle que ama a humanidade está capacitado a rir-se ante a debilidade humana".

O que verdadeiramente ama o homem ri-se do mundo e do homem com lágrimas de compaixão.

No Sermão do Monte disse Jesus: "Bemaventurados os que têm fome, porque êles serão fartos. Bemaventurados os que choram porque êles serão consolados". Creio que não faltaríamos à reverência e ao respeito se disséssemos que Cristo veio ao mundo para ensinar-nos a rir, para devolver ao homem o dom da alegria que se perdeu quando êste desobedeceu a Deus e rompeu suas relações com o Criador. "Vou preparar uma manhã que cante", dizia o herói da resistência francêsa durante a última guerra quando era levado para o fusilamento. "Eu vim para que tenham vida", disse Jesus. E onde há vida há alegria. E nós os que estamos procurando seguir os passos do divino Mestre bem poderíamos dizer que nossa missão aqui é preparar uma manhã risonha e bemaventurada para os homens.

A Bíblia e o cristianismo, se é o cristianismo de Cristo, nunca vivem vestidos de luto. Não estão no mundo com a intenção de matar o gôzo, de tornar triste a vida. A alegria, o entusiasmo, e o gôzo não são pecados. Os grandes santos foram, em sua maioria, alegres e santos. "Regozijai-vos sempre no Senhor", disse Paulo, "outra vez vos digo: regozijai-vos" (Filipenses 4:4). E essa vida cá, abundante, e gostosa, se consegue quando se vive com Deus, e não contra Deus; quando se vive, não em rebeldia, mas em harmonia com as leis divinas.

(De "El Estandarte Evangelico)

FLAGRANTES DO MUNDO RELIGIOSO

W. J. Goldsmith

"UM BISPO CATÓLICO ROMANO no Brasil mandou imprimir 1.000.000 de exemplares do Evangelho segundo São João e distribuí-los nos lares com a recomendação ao povo para que os lêsse e não os Evangelhos oferecidos pelos protestantes. Muitas pessoas que os recebem, porém, fazem o confronto das duas versões e, vendo que são substancialmente idênticas, aceitam prontamente a Palavra de Deus." (Notícia dada pela revista americana "Christian Victory").

A ASSISTÊNCIA SEMANAL MÉDIA de adultos em igrejas e sinagogas nos Estados Unidos em 1957 foi de cêrca de 48.500.000, superando em 1.000.000 a média do ano anterior.

PRESENTE DE DESPEDIDA: 3.533 ALMAS. Uma tribo feroz da Nigéria foi evangelizada durante mais de 30 anos por um casal de missionários escocêses. Quando êstes, no último outono, deviam aposentar-se e voltar para sua terra, os africanos cristãos trataram de levantar uma oferta monetária, e ao mesmo tempo lançaram uma campanha evangelística de três semanas. Na reunião de despedida os missionários receberam a oferta, e o pastor tribal Aduna apresentou-lhes ainda 3.533 novos convertidos, fruto da campanha.

UM AVIVAMENTO RELIGIOSO que irrompeu no Colégio Asbury em Wilmore, Kentucky (E.U.N.), está atingindo a cidade e seus arredores. Começou quando um estudante se levantou após o sermão matinal na

capela do colégio, anunciando que se sentia convicto, pediu perdão e convidou colegas a tomarem idêntica atitude. Cêrca de 75 estudantes foram para seu lado para reafirmar sua fé em Cristo. Sòmente a altas horas da noite alguns se recolheram aos dormitórios, enquanto outros permaneceram na capela em oração. Nos dias seguintes uniram-se aos colegiais residentes da cidade, em cultos na capela.

Fatos como êsse costumam ter efeitos profundos e duradouros. Há um ano mais ou menos o diretor do Colégio Wheaton, Dr. V. Raymond Edman (que visitou o Brasil em 1955), afirmou que o notável avivamento verificado naquele colégio em 1941 continua ainda fazendo-se sentir.

UMA EM CADA 8 FAMÍLIAS no Estado de Minnesota (EUN) contribui com o dízimo de sua renda para a igreja e obras sociais.

FOI DEVOLVIDA UMA OFERTA DE 1.000 DÓLARES, pelo Colégio Metodista de Kentucky, porque a Fundação Kenneland que o fêz está relacionada com o prado de corridas e, portanto, com o jôgo. O colégio rejeitou também 333 dólares oferecidos por uma companhia de bebidas.

ESTIMA-SE EM 35.000 o número de missionários acatólicos operando em terras "de missões", sendo 70 por cento do total americanos.

NAS ZONAS REMOTAS DO CANADÁ muitas pessoas em propriedades agrícolas e acampamentos de mineração dependem do correio e do rádio para sua Escola Dominical. Com centro em Príncipe Alberto, Saskatchewan, a United Society for Christian Literature mantém eficiente e frutífero trabalho dêsse gênero, tendo muitas vêzes ocasião de batizar pessoas que nunca entraram em uma igreja.

CURIOSA QUEIXA apresenta Komsonoiskaja Pravda, órgão da organização da juventude comunista, contra os batistas russos: "São particularmente perigosos, porque entre êles os leigos são evangelistas. Todo batista russo procura ganhar pelo menos um adepto para a sua fé."

"DE ACÔRDO: não é essencial freqüentar a igreja para ser boa gente. Também não é essencial cozinhar o alimento para comer... porém é bem melhor."

INFORMA-SE DA COLÔMBIA que as autoridades católico-romanas promovem um inquérito sôbre a perseguição religiosa naquele país.

EDITORIAL CENTROAMERICANA na cidade de Guatemala, celebrando seu primeiro aniversário, está imprimindo um milhão de páginas de literatura cristã por mês.

O ESTADO DE ISRAEL celebrou seu 10.º aniversário em 14 de maio último. A entrada de 915.000 imigrantes nesses dez anos elevou a população a 1.990.000, e as exportações aumentaram em 500 por cento no mesmo período, apesar do boicote árabe.

Calcula-se em 3.500.000 o número de judeus na União Soviética. "Sabemos — afirmou um porta-voz israelita — que existe grande desejo, por parte de judeus russos, de virem para cá, porém é impossível prever o que lá irá acontecer."

A CIDADE BÍBLICA DE HAZOR, ùltimamente escavada pelos arqueólogos, é o tema de uma nova exposição inaugurada no Salão Assírio do Museu Britânico. Hazor, já nos dias dos cananeus, tinha 15 vêzes o tamanho de Jerusalém no tempo de Davi. Na exposição vêem-se esculturas em pedra, marfins, cerâmica e fotografias, inclusive um vaso para vinho que pertenceu a Pacá, em cujo reinado Hazor, que tinha sido incendiada por Josué e reconstruída por Salomão, foi finalmente destruída pelo rei assírio Tiglate-Pileser III. Informa-se que as pesquisas arqueológicas em Hazor provam concludentemente que o êxodo das doze tribos de Israel do Egito e a conquista de Canaã se verificaram há 3.200 anos. Fragmentos de vasos dos séculos IX e X a.C. apresentam inscrições hebraicas — as primeiras que se descobrem na Galiléia do período dos reis de Israel.

"ROCK AND ROLL" vai sendo banido de cidades dos Estados Unidos do Norte. Uma rádio emissora em St Louis (Mo.) tocou uma vez cada disco de rock 'n' roll que possuía e em seguida partiu-o com estrondo diante do microfone, medida que lhe mereceu elogios de perto e de longe. Em Boston (Mass.) os shows musicais do gênero foram interditados, depois de violento episódio em que 15 pessoas foram esfaqueadas, roubadas ou espancadas no final de uma sessão. A experiência de Boston levou o prefeito de New Haven (Connecticut) a recusar permissão para mais shows de rock 'n' roll em sua cidade.

A IRRADIAÇÃO PELA TELEVISÃO dos trabalhos de Billy Graham em San Francisco, como em Nova York, teve amplas repercussões. Após um programa de 15 minutos, mais de 200 pedidos de instrução (counl seling) foram recebidos por telefone. Uma feição comentada é que, nas reuniões, os interessados começam a movimentar-se para a frente antes de se completar o convite.

"A QUALQUER MOMENTO QUE O SENHOR estiver pronto para me levar, eu estou pronto para ir" — afirmou um senhor de 62 anos ao dar seu testemunho pessoal numa igreja em La Follette (Tennessee, EUN). Em seguida, acometido de um ataque cardíaco, caiu e faleceu.

FOI PRESENTEADO O DALAI-LAMA de Tibete, por ocasião de sua recente visita à Índia, com um Novo Testamento tibetano e exemplares de tôda literatura evangélica e gravações naquela língua. O pacote estava cuidadosamente acondicionado em seda dourada — a côr tradicional do Dalai-Lama.

AR CONDICIONADO E JANELAS DUPLAS à prova do ruído do tráfego da metrópole possui o novo edifício, construído e inaugurado em menos de um ano a partir do lançamento da pedra fundamental, do London Bible College, grande instituição cristã interdenominacional situada no coração de Londres. Em pouco mais de 10 anos a Faculdade, iniciada em moldes simples e humildes, desenvolveu para tornar-se uma das feições notáveis da vida religiosa da metrópole londrina. Prima-se por conduzir seus cursos no mais elevado nível possível de cultura acadêmica evangélica, e tem atualmente mais de 1.000 estudantes (dos quais mais de 150 residentes) vindos de tôdas as principais denominações, em quase 70 cursos. A larga aceitação e rápido desenvolvimento da obra foi que conduziu à decisão de se demolir o prédio e construir outro maior no mesmo terreno central, próximo ao Regent's Park. Na inauguração, a oração dedicatória e o sermão foram proferidos pelo Dr. D. Martyn Lloyd-Jones, sucessor do falecido Dr. G. Campbell Morgan no ministério da famosa Westminster Chapel, uma das principais cidades mundiais do cristianismo bíblico.

A PRODUÇÃO DE BÍBLIAS pela Sociedade Bíblica Britânica em 1957 superou todos os algarismos anteriores, entretanto foi tal a procura que, pela primeira vez na sua história, foi preciso racionar fornecimentos. Em 1957 foram publicados mais 200.000 exemplares das Escrituras do que no ano anterior e três vêzes a tonelagem de 10 anos atrás. Entre as estatísticas tiveram menção especial mais de 100.000 Bíblias para o povo Yuruba da Nigéria e milhão e meio de exemplares para o Brasil. O Departamento de Traduções tinha em mãos 283 projetos, o maior número até então.

O MOMENTO RELIGIOSO NO BRASIL

OSCAR ARRUDA

Fundou-se em Maringá — Pr., o Instituto Filadélfia. Tem um vasto programa a ser executado em dez anos. As instalações estão orçadas em 15 milhões de cruzeiros. A obra educacional é o principal objetivo do novo Instituto. E' mais um marco da obra evangélica, fincado na futurosa cidade de Maringá.

A Sociedade Bíblica do Brasil comemorou em junho p. passado o décimo aniversário de sua gloriosa existência. Celebrou a distribuição de cêrca de 17 milhões de Bíblias, Novos Testamentos e Porções Bíblicas. A sua finalidade é DAR A BÍBLIA À PÁTRIA.

De 20 a 2 7de junho p. passado reuniu-se no Colégio Cruzeiro do Sul, em Pôrto Alegre — R.G.S., o 4.º Congresso Nacional e a 6.ª Conferência de estudos da União da Macidade Episcopal. Essas conferências oferecem aos jovens cursos de educação religiosa de caráter amplo e desenvolvem uma vida devocional intensa.

A Igreja Presbiteriana Independente, que tem em Brasília um templo, projeta a construção de um templo definitivo, bonito, amplo, à altura da grande futura capital do País.

O Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil pediu à Confederação Evangélica do Brasil que promova um congresso para reestruturar essa mesma Confederação. Alega que o mundo mudou muito. Que os problemas atuais são outros e grandes. Que a Confederação deve ser fortalecida e amparada, para cumprir a tarefa que lhe incumbe. Acha que é também indispensável definir bem o seu papel e as suas funções, como órgão de expressão nacional das Igrejas Evangélicas.

Nota: O desenvolvimento desta secção depende do recebimento de maior número de publicações evangélicas. Permutamos.

* ★ *

EDGARD POE

Êsse escritor trabalhou, intermitentemente, durante dez anos, aperfeiçoando a poesia "O Côrvo", tão bem traduzida por Machado de Assis. Epor falta de recursos, teve que vendê-la por dez dólares — um dólar por ano de trabalho. Há artistas de cinema que ganham mais do que essa quantia em um minuto. Mas o que tem valor real, u mdia será apreciado. Por isso mesmo é que o manuscrito original daquela poesia foi recentemente vendido por dezenas de milhares de dólares. Pobers dos que são gênios; quase morrem de fome em vida e depois seus manuscritos alcançam preços fantásticos!

O HOMEM
A MAQUINA
E... DEUS

ODAYR OLIVETTI

Um dia útil, dia de semana, dia de "branco" — um dia na vida do sr. Fulano, membro da civilização ocidental do século XX.

7 horas — Tirrim...

— Mulher! Mas que hora! Êsse despertador!...

— Olhe bem, querido. Não é o despertador o culpado; você é que errou ao lhe dar corda e acertá-lo; em vez de 6, marcou 7.

— Ah! bom. Bem que eu estava estranhando. Um despertador como êsse,moderno, não poderia falhar. Mas, onde andava minha cabeça quando cometi êste êrro?! Agora tenho que voar para não chegar atrasado no serviço.

7,30 horas — Mas que sorte! Lá vem meu ônibus. Se êle demorasse mais 5 minutos, não daria tempo de chegar no horário. Pelo menos esta primeira condução está garantida.

7,48 horas — Ora, mas que maçada! Tanta sorte com o ônibus, e agora êsse bonde não me aparece! Vou esperar mais dois minutos. Se não chegar, vou fazer a doidice de andar 800 metros a pé. Oi-to-cen-tos metros!

---

8 horas — Arre! Felizmente deu para assinar o ponto. Mas quanta correria! Pensei que o relógio do ponto podia estar um pouco atrasado, mas essa máquina não falha.

12 horas — O sr. Fulano sai correndo a ver se alcança a condução das 12 horas. Alcança-a, mas quase não pode entrar. Empurra e é empurrado. Pouco depois se vê espremido pela porta automática.

— Essa porta!...

12,40 horas — Desculpe-me querido mas o almôço está atrasado.

— ?!

— Acabou-se o gás do fogão e...

— Como?! Já acabou?! E o outro bojão?

— Você me pediu que esperasse uns dias porque o dinheiro era pouco. Acabei-me esquecendo. Mas não se afobe. Comprei umas conservas preparadas por um processo moderno em máquinas aperfeiçoadíssimas. Seu fígado não vai sofrer nada.

13,20 horas — Repetição da cena das 12 horas, com a diferença de que às 12 horas os passageiros estavam com o estômago vazio, de maneira que havia um pouco mais de espaço no transporte coletivo.

13,55 horas — O sr. Fulano está atravessando a rua, parte do edifício em que trabalha . De repente, um monstro enorme e barulhento (um F.N.M.), vira a esquina e vem por cima dêle. Fica meio atrapalhado, sem saber para que lado ir. Para ajudar, o motorista aperta a buzina de ar comprimido. Então, a cabeça do sr. Fulano vira um pandemônio, e êle se põe a correr — com a perna direita para um lado e com a esquerda para outro. Felizmente o motorista (para divertir-se), só deixou o monstro encostar-se no sr. Fulano, sem maiores conseqüências.

14,10 horas — O sr. Fulano é chamado ao escritório do chefe:

— Pronto, sr. T. U. Barão.

— O seu serviço da manhã está cheio de erros.

— Não seria defeito da máquina?

— Não senhor. Já mandei revisar durante o almôço. A máquina está funcionando perfeitamente.

16 horas — O sr. Fulano está-se entendendo com o gerente da secção e, justamente quando vai receber importantes explicações sôbre complicado trabalho, um ronco poderoso estremece a casa e levanta uma barreira à prova de som entre a bôca do gerente e os ouvidos do sr. Fulano...

13,55 horas — O sr. Fulano está atravessando a rua, perto do edifício vê, atirado à sarjeta, um opúsculo bastante estragado e manchado, páginas escancaradas. Curioso, apanha-o. Assesta o moderno par de óculos, último produto da ciência óptica, e lê um título no que resta da capa: "EVANGELHO SEGUNDO JOÃO". Abre-o a esmo, entre curioso e desdenhoso. Caem-lhe aos olhos estas palavras do MESSIAS:

"...credes em Deus,
crêde também em mim."

Então, o sr. Fulano, homem esmagado por si mesmo, pelas realizações humanas, espezinhado pelos seus semelhantes e perseguido, oprimido, apertado, diminuído, humilhado e amassado pela MÁQUINA — êsse pigmeu atira longe o livrinho e exclama arrogante:

— Ora, veja só se um HOMEM do século XX, da era atômica, um HOMEM de época tão evoluída pode estar suportando êstes arcaísmos! Deus! Ora, deus...

E olhando o relógio, máquina admirável, sai correndo para alcançar o ônibus, outra máquina admirável do século XX.

"Disse o néscio no seu coração:
Não há deus." (Salmo 14:1)
"Elevo os meus olhos para os montes:
de onde me virá o socorro?
O meu socorro vem do Senhor,
que fêz o céu e a terra." (Salmo 121:1,2)
"Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos,
e Cristo te iluminará." (Efés. 5:14)

Um soldado vangloriava-se diante de Júlio César das cutiladas que tinha recebido na cara. Júlio César que o conhecia por um covarde, disse-lhe:

— Para a próxima vez que fugires, toma cuidado quando olhares para trás.

FACETAS DA VIDA

NAUFRÁGIO DO VAPOR VESTRIS

Na descrição da tremenda catástrofe dêsse navio aparecia uma nota decepcionante. Bem perto do lugar em que se verificou o sinistro navegava um navio que poderia ter socorrido todos os náufragos. Mas o aparêlho receptor de mensagens radiográficas dessa embarcação estava danificado. Por mais que o vapor que se achava em perigo suplicasse auxílio, seus apelos não chegaram a ser ouvidos na embarcação vizinha. Essa, por isso, não se movimentou. Um espírito utilitário comentaria essa triste ocorrência, dizendo que não tendo recebido os apelos o navio a quem êle se dirigia livrou-se realmente de muitos incômodos. Se o recebesse teria obrigação de correr às pressas para salvar os náufragos, expondo-se a graves perigos. Essa é a apreciação das almas a quem falta nobreza. As outras interpretam a tragédia de maneira diferente. Imaginam que se tivesse capacidade para receber o apêlo e houvesse atendido, a embarcação teria que entrar em lutas sim, mas realizaria também uma obra de imortal valor.

Há personalidades que são como aquêle barco. O aparêlho moral de que dispõem não tem sensibilidade suficiente para receber os apelos que se fazem em favor do bem e, precisamente por essa razão, livram-se dos grandes incômodos e lutas que assaltam a vida dos que se consagram a obra de reconstrução social. Mas deixam também de praticar ações e incorporar-se a movimentos nos quais se refletem as glórias da humanidade.

GÊNESE DAS INVENÇÕES

Eis o que a êsse respeito assevera o moralista Marden: "Quase tôdas as grandes invenções têm derivado dum relâmpago do pensamento. A máquina de costura, por exemplo, surgiu duma

idéia simples, detida tenazmente no espírito do inventor, até que, devido a mil esforços, ela se materializou em realidade concreta. Costumava Elias Howe estar ao pé da mulher, quando ela cosia, até altas horas da noite, para fazer os vestuários da família, e perguntava a si mesmo se era irremediàvelmente preciosa tanta faina.

Analisando os movimentos da agulha, pôs-se a pensar se aquêle trabalho, que tanto tempo roubava à mulher, não se poderia fazer mais depressa e com menos sacrifício numa máquina qualquer. E alentou aquela idéia, ponderando quanto seria magnífico poder aliviar o trabalho de milhões de mulheres que de ordinário só o podem fazer à noite, depois de um dia de áspera lide. E iniciou as suas experiências, com firmeza, apesar das troças dos amigos, que achavam loucura perder tanto tempo com idéia tão vã. Mas, por fim, transformou-se-lhe a visão em realidade maravilhosa. Descobriu-se, dêsse modo, a máquina de costura, que emancipou duma penosa escravidão as mulheres de todo o mundo.

Foi, quando fazia passar uma corda por um orifício aberto no fundo de uma caixa de metal, que o professor André Bell sentiu brotar-lhe da inteligência a idéia do telefone ao descobrir que a voz podia ser transmitida por esta corda. Apoderou-se aquela idéia tão completamente do inventor, que lhe tirou o sono e o empobreceu algum tempo. Fui testemunha da sua luta com a pobreza. Ouvi aos seus amigos muitas críticas e zombarias. E vi que êle teimou nas experiências até conseguir o telefone, realidade que é hoje indispensável à vida comercial.

Do mesmo princípio que produziu a máquina de costura e o telefone, brotaram tôdas as invenções de Edison e as de outros inventores. Nasceram tôdas elas com a forma de idéias, de visões, e foi o trabalho incessante que as transformou em realidade."

DEFEITOS DA CIVILIZAÇÃO

Sôbre êsse assunto, o famoso estadista Henry Wallace assim se expressa:

"A civilização moderna roubou muito do caráter religioso que presidia as relações entre os homens e as coisas. Quando éramos criança e trabalhávamos em jardinagem, estudávamos as plantas e nutríamos afeição individual a cada uma delas. Depois, quando plantávamos fileiras de milho, dedicávamos interêsse particular às características de cada uma delas. Todavia, nestes tempos de cultura mecânica, em vastíssimos campos, muitos lavradores se vêem

envolvidos num processo mental semelhante ao do industrial. O mesmo se dá com o trabalhador. Os operários de outros tempos eram donos de suas próprias ferramentas e orgulhavam-se do trabalho que produziam. Como resultado da visão íntima que tinham das coisas, conseguiram, freqüentemente, inventar algo de novo. Hoje, porém, essa visão íntima e afetiva das coisas vai ficando, cada vez mais, reservada a uns poucos indivíduos altamente especializados que trabalham, a soldo do Govêrno, das grandes universidades e das corporações. O agricultor vem perdendo o seu contacto afetivo com a terra e, no operário, se vai desvanecendo a satisfação decorrente do capricho no trabalho. Ao nascer, trazemos ainda, engastado na alma, o anseio por essas relações afetuosas com a terra, com os vegetais e com as ferramentas. Jamais teremos, de novo, a religião do homem integral, enquanto a grande maioria da humanidade não tiver, outra vez, oportunidade de estabelecer relações afetivas com as coisas".

FAZENDO UM BARÃO

Ernesto Matoso, em "Coisas do meu tempo", narra o seguinte.

Por ocasião da sua viagem ao Paraná, foi Pedro II hospedado em Ponta Grossa, por um fazendeiro rude, mas trabalhador e leal, o qual, ao ofe recer um almôço ao monarca, fê-lo, sem maiores cerimônias, nos seguintes têrmos:

— Senhor Imperador! Eu podia ter feito mais alguma coisa; podia ter matado mais uma vitela, mais um perú; mas preferi assinalar por outro modo a vossa passagem por esta terra e a honra de vir a esta sua casa: libertei todos os meus escravos (cêrca de setenta) e peço a Vossa Majestade o favor de lhes entregar as cartas de liberdade!

Ao chegar à Côrte, levou o Ministro do Império ao soberano os decretos distinguindo as pessoas que o haviam homenageado na excursão, cabendo ao fazendeiro paranaense o oficialato da Ordem da Rosa.

— Isso é pouco para êsse benemérito, — declarou o Imperador; — faço-o Barão.

— Mas, Majestade, — obtemperou o ministro — êle é quase um iletrado.

— Não será o primeiro, — tornou o Imperador; — e com a circunstância de que é homem muito digno.

E imperativo:

— Mande-me o decreto fazendo-o Barão dos Campos Gerais.

RESISTÊNCIA AO PROGRESSO

Jorge Stephenson, quando jovem, trabalhava nas minas de carvão e, à noite, ocupava-se a remendar as roupas e consertar o calçado dos seus companheiros, para poder pagar as despesas da aula que freqüentava, e as dívidas de seu pai, cego. Ao expôr o seu projeto de uma máquina a vapor com rodas, que substituiria, com vantagem, a tração animal, nos caminhos de ferro que se utilizavam então para o transporte de passageiros e mercadorias, todos os que o ouviram, o supuseram doido, objetando-lhe que as faúlhas expelidas por essa máquina que êle imaginava incendiariam os edifícios, que o fumo denegriria a atmosfera, e que os construtores de carros e os cocheiros cairiam na miséria por não terem que fazer.

Quando Stephenson se propos empregar a sua projetada locomotiva, em vez dos cavalos, no caminho de ferro que se estava construindo entre Liverpool e Manchester, a Revista Trimestral, no seu número de março de 1825, publicou um artigo que dizia: "Já viram absurdo maior e mais ridículo que êsse projeto de máquina locomotora, cuja marcha se pretende seja dupla da dos cavalos? Não acreditamos que a povoação de Woolwich se resigne a deixar-se incendiar por uma faúlha dessa máquina. Pelo contrário, esperamos que o Parlamento estabelecerá, como condição precisa, ao conceder uma linha férrea, que a velocidade máxima seja de oito a nove milhas por hora".

Entretanto, a Companhia do Caminho de Ferro de Liverpool a Manchester, submeteu o projeto de Stephenson à apreciação de dois notáveis engenheiros, os quais informaram que o emprêgo do vapor só seria possível em máquinas fixas, instaladas a espaços de milha e meia umas das outras, fazendo mover os carros por meio de cordas e roldanas.

Stephenson combateu a informação dos engenheiros, propondo um prêmio de 500 libras esterlinas à melhor locomotiva que, com a condição de andar dez milhas por hora, se apresentasse a um concurso, cujas provas se realizariam a 6 de outubro de 1829.

A proposta foi aceita, e, no dia aprazado milhares de espectadores afluíram para presenciar a prova. Stephenson apresentou uma locomotiva que percorreu a linha com velocidade média de 15 milhas e máxima de 29.

Foi um grande sucesso. Ninguém pensou mais em máquinas fixas.

Por aí se vê como a humanidade várias vêzes tem se colocado contra o progresso do mundo. Que seria da sociedade hoje se se eliminassem tôdas as estradas de ferro? Elas exercem, no conjunto das atividades humanas um papel insubstituível. No entanto, o homem que inventou a locomotiva quase que foi esmagado pela composição que contra êle espíritos retrogrados furiosamente levantaram.

M. R.

CULTURA ESPIRITUAL

Não é preciso grande inquérito para chegarmos à convicção de que a cultura espiritual da maioria dos cristãos em nosso meio deixa muito a desejar. Em grande parte isso se explica pelo método errôneo com que se pretende adquirí-la. Grande é o número dos fiéis que se limitam a cultivar a vida espiritual apenas ouvindo os sermões uma vez por semana. Isso é muito pouco. Se todos os sermões fôssem excelentes, o mal do método seria muito atenuado. Acontece, porém, que não é.

O Instituto de Cultura Religiosa, como seu próprio nome está indicando, tem o objetivo de ajudar, de fato, seus associados a adquirirem conhecimentos reais da religião. Para êsse fim preparou abundante literatura e continua realizando essa tarefa de publicar folhetos, opúsculos e livros.

Estamos, agora, pedindo que tôdas as filiais trabalhem no sentido de conseguir que os sócios leiam essa literatura. No próximo ano haverá um Congresso do Instituto. Nessa ocasião as filiais poderão apresentar o relatório do que conseguiram, trabalhando com os sócios para que êles elevem ao máximo sua cultura religiosa.

Sôbre êsse movimento iremos dando notícias pormenorizadas.

A HUMILDADE E O PERDAO

Se a criança não está no centro deixa de ser o centro de interêsse da educação. Programas, métodos, projetos, princípios, tudo isso deixa de ser importante se não tem como objetivo ganhar a alma da criança. A igreja deve situar a criança no centro de seu interêsse, e empregar tempo, dinheiro, talentos, sem medida, para a formação das crianças. E' mais importante um tabuleiro de areia no departamento primário da Igreja do que uma lâmpada majestosa no salão central do templo.

O homem realmente humilde não trata de aparentar humildade, mas realmente o é de coração, sem sentir, espontaneamente, como as crianças. Se não estivéssemos tão seguros de que a candura, a ingenuidade e a inocência da criança fôssem legítimos em seu caráter, não a amaríamos tanto. Os antípodas da humildade verdadeiro são: a arrogância, a petulância ,o egocentrismo, a altivez.

Aviso: ser humilde não significa ser tolo. "Simples como as pombas e prudentes como as serpentes". A humildade não está divorciada da dignidade. Humildade não é sujeição servil. Não deixa de ser humilde quem se irrita, vez por outra, contra a mentira e a injustiça, ou contra a hipocrisia e a falsidade. Os animais mais repelentes são os que se arrastam.

Uma mostra de arrogância espiritual — embora proclame alguem sua natureza humilde — é a do homem que não perdoa, e que se vinga. Os manicômios e os asilos estão cheios de gente biliosa. E pelas ruas andam muitos encurvados, ruminando ao pêso de suas misérias e suas vinganças. Perdoar é drenar. Sentir-se perdoado é receber um bálsamo consolador, uma fusão dulcíssima de amores e esperanças.

Rafael Cepeda

Posso repetir a Oração do Senhor?

Não posso dizer Nosso, *se vivo num compartimento espiritual de onde nada sai e onde nada penetra; se penso que no Céu está reservado um lugar especial para minha denominação.*

Não posso dizer Pai, *se não demonstro diàriamente minha relação de filho.*

Não posso dizer que estás no Céu, *se estou tão ocupado com a terra que não ajunto tesouro lá.*

Não posso dizer Santificado seja o Teu nome, *se eu, que sou chamado pelo Seu nome, não sou santo.*

Não posso dizer Seja feita a Tua vontade, *se estou discutindo ressentido e desobediente à Sua vontade para comigo.*

Não posso dizer Na terra como no Céu, *se não estou preparado para dedicar minha vida aqui ao serviço Seu.*

Não posso dizer Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia *se estou vivendo na experiência do passado ou se não faço muita questão de ter o que pedi.*

Não posso dizer Perdoa-nos a nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores, *se guardo rancor contra alguém.*

Não posso dizer Não nos deixes cair em tentação, *se eu deliberadamente me ponho a mim mesmo ou fico onde provàvelmente poderei ser tentado.*

Não posso dizer Livra-nos do mal, *se não estou preparado para lutar no reino espiritual com a arma da oração.*

Não posso dizer Teu é o reino, *se não concedo ao Rei a obediência disciplinada de súdito fiel.*

Não posso dizer Teu é o poder, *se temo o que os homens me possam fazer, ou o que os vizinhos possam pensar de mim.*

Não posso dizer Tua é a glória, *se estou procurando a minha própria glória.*

Não posso dizer Para sempre, *se meu horizonte está limitado pelas coisas do tempo.*

Não posso dizer Amém, *se eu também não acrescento "Custe o que custar". Por que dizer esta oração honestamente, equivale a consagrar tudo a Deus.*

M. W. Gass, B. A.

(Traduzido por Theodomiro Emerique, da revista "Revival", publicada em Allahabad, Índia).

INATIVIDADE

A inação fatiga mais que o trabalho e que o exercício:

—Doutor, dizia a seu médico uma mulher de sociedade, que passava a vida a receber visitas, vestir-se, taramelar e tomar chá, comer gulodices e ler jornais ilustrados; — Doutor, não sei o que possa ter: — nada faço de extraordinário e entretanto experimento sensações de grande fadiga. Durmo bem; entretanto, quando me levanto, estou tão trôpega, como se tivesse feito 20 quilômetros no dia anterior. Minhas pernas estão duras. Felizmente que meu auto lá está.

—Senhora, respondeu o médico, é justamente porque nada fazeis que experimentais essa sensação de fadiga. O que acreditais ser fadiga, não é. Estais enferrujada, entorpecida, intoxicada, e... vos encaminhais docemente pela via mais direta e mais segura, para a velhice precoce. Vossa poltrona vos fatiga mais do que se andasseis. Não correis para a velhice, mas a esperais em vossa casa e lhe fazeis sinal para vir, para se apressar. Dir-vos-ei como disse Jesus ao paralítico: "Levantai-vos e caminhai". e vereis produzir-se o milagre reclamado por vós: tôda fadiga desaparecerá e, em seu lugar, sentireis uma sensação de bem estar, de leveza e de vitalidade: encontrareis a vossa primavra.

Sob o ponto de vista moral, a inação não tem conseqüências menos desastrosas.

A ociosidade é a mãe de todos os vícios — todos os vícios conduzem à velhice precoce.

Enquanto um só demônio tenta a um homem ocupado, mil demônios volteiam em tôrno de um homem desocupado. A ociosidade engendra a divagação, o tédio ou, o que é pior, conduz à apatia e à ausência do desejo de agir. E' no meio das divagações, enquanto a espreita deveria montar guarda em tôrno da vossa imaginação, que o inimigo insidiosamente se ensinua; batalhões de idéias más, malsãs, impertinentes; tropas de sentimentos negros e tropas de sentimentos vermelhos arrastando a velhice na garupa. Durante as divagações, só há um elemento que continua a funcionar, é a imaginação, sem a qual a vida seria menos agradável, mas aniquila o poder de realizar grandes coisas.

Victor Pauchet

VITÓRIA DA FÉ

Em certo sentido, a descoberta da América foi recompensa de fé inquebrantável, que se não extinguia na alma de Cristóvão Colombo. É fácil compreender isso, estudando alguns fatos relacionados com essa descoberta.

Como foi que Colombo teve idéia da existência de um continente, que não era, então conhecido? Por informações vagas que recebeu de vários marinheiros, a respeito de fenômenos, que se não explicavam, sem a existência dessa nova terra. Eis alguns dêles.

Certa ocasião, um pilôto português de nome Martin Vicente, contou a Colombo que, viajando para o Ocidente quatrocentas e cinqüenta léguas, viu flutuando sôbre as ondas, um tronco impelido pelo vento do Oeste, que soprava, havia vários dias. Isso lhe fez supôr, que na direção de onde vinha o vento, deveria haver terra.

Mais tarde, soube que haviam chegado aos Açores, de maneira idêntica, troncos de uma espécie de pinheiro que não existe naquela Ilha. Depois, foi informado de que na Ilha das Flores, do mesmo grupo, haviam sido encontrados na praia, dois cadáveres humanos de uma raça desconhecida.

Estudando cuidadosamente êsses fatos e outros, de que teve noticia, Cristóvão Colombo, concluiu que devia existir para o Ocidente, uma terra, que ainda não era conhecida.

Depois de várias cogitações, passou êle a crêr firmemente em suas conclusões. Creu de tal modo, que não houve mais quem lhe abalasse a convicção de que devia existir terras ainda não descobertas. Além disso, êle cria também que o próprio Deus o escolhera para descobrir novas regiões e evangelizar seus habitantes. Em muitas de suas cartas refere-se êle, a essa fé que o animava. Foi ela que o sustentou no meio de lutas, que desanimariam, fatalmente, um homem sem crença.

Suplicou aos Reis de Espanha, que o auxiliassem, ao menos com um navio para descobrir a nova terra. O Rei e a Rainha zombaram dêle. Durante mais de sete anos continuou a suplicar. Suas lutas foram tais, que aos trinta anos, êle estava completamente embranquecido. Parecia um velho alquebrado. Depois de tudo isso, é que aquêles monarcas lhe armaram uma Náu de três Caravelas, para o arrojado empreendimento. Mas não findara a luta. Após a partida, começam as revoltas de tripulação. Ela esperava encontrar terra muito antes do tempo necessário para isso. No seu diário, Colombo afirma, que tivera de sofrer muito, por causa da sua gente, "porque todos a uma voz", estavam determinados a se revoltar contra êle, indo até ás ameaças. Cada vez que uma nuvem longínqua dava a impressão de ser terra e os marinheiros verificavam depois, seu engano, perdiam a fé na existência da sonhada descoberta. Dois dias antes de encontrarem terra, a revolta foi tal, que Colombo dificilmente a dominou. Todos já descriam de qualquer possibilidade de êxito da expedição. Só Colombo nunca perdeu a fé e, afinal, conseguiu a vitória.

As grandes descobertas, em geral, foram realizadas, por homens dotados de fé tão vigorosa, que era capaz de dominar a descrença feroz que os cercavam.

O progresso do mundo nunca é impelido por homens dominados pelas dúvidas, mas sim por aquêles em cujo coração brilha fé inquebrantável.

Quem quiser triunfar na vida, precisa, pois, cultivar cuidadosamente a virtude da crença esclarecida e imorredoura.

INVEJA

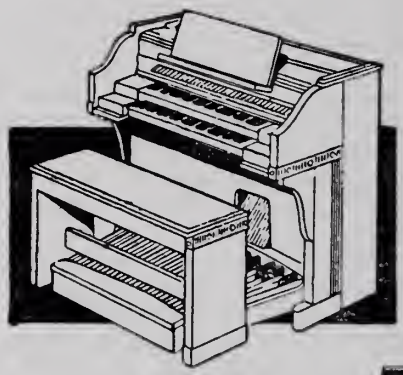
A inveja é um mal terrível. Pode ela dar coloridos os mais diversos na conduta humana. E' possível que alguém, tendo na alma tal sentimento, não sinta bem a fôrça que êle possui.

Eis aqui um teste que pode ser elucidativo:

Que é que o distinto leitor sente, quando ouve falar nas vitórias dêste ou daquele colega seu? Tem desejo sincero de aplaudí-lo? Procura diminuir-lhe a glória?

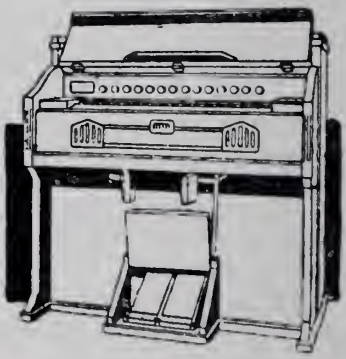
Essas interrogações, que parecem muito simples, são de grande valor para revelar o caráter íntimo de uma pessoa. Pensem bem nelas os nossos leitores.

HARMONIUNS, ORGÃOS



de Tubos
e
Eletrônicos
para
IGREJAS
ESCOLAS
LARES

Venha escolher entre 20 modelos diferentes, o de sua preferência e estamos certos de que suas qualidades satisfarão aos mais exigentes. E quanto a preços – são os mais atrativos para qualquer bolsa.



ASSAI ☆ BOHN ☆ PETROF ☆ HAMMOND

quatro marcas que atingiram o pináculo em sua especialidade.

ESCREVA-NOS AINDA HOJE SOLICITANDO CATALOGOS

MUSICAS E INSTRUMENTAIS

CASA **Manon** S A

R. 24 DE MAIO, 242 • C. POSTAL 568 • S. PAULO

Para Você

Dois Grandes Livros

RELIGIÃO

MIGUEL RIZZO

Cr$ 30,00 — Enc.

Um método diferente de estudar o cristianismo

DERROTAS e VITÓRIAS

MIGUEL RIZZO

Cr$ 25,00 — Enc.

Como atingir as culminâncias da vida moral

Na sua remessa inclua Cr$ 10,00 para o porte até cinco exemplares.

UMA OFERTA DO ICR E ÚNITAS AOS SEUS SÓCIOS E ASSINANTES

Caixa Postal, 7.203 — Capital-SP

DR. SALVADOR FARINA FILHO

ADVOGADO
Ministro do Evangelho

Escritório:
Atende-se das 10 às 12 horas
Praça da Sé, 371 — 3.º andar, s/316
Telefone: 33-9052
São Paulo — Capital

Residência:
Rua Talhado n.º 16
Travessa — casa 5
Ônibus 67
São Paulo — Capital

ATENÇÃO

Faça seu terno Sob Medida e pague em 10 pagamentos — Confecções finas para Homens — Variado sortimento e um completo mostruário de tecidos de tôdas as procedências.

ALFAIATARIA IMPERIAL
Sátilas Pires do Amaral
Rua Rubino de Oliveira, 83 S/Loja — Sala 1
Fone: 9-7252 (Chamar) — São Paulo

DR. NEWTON DE BARROS MADUREIRA

CIRURGIÃO DENTISTA

Moléstias da bôca — Tratamento Clínico e Cirúrgico — Reabilitação oral.

Consultas: Das 9 às 12 e das 14 às 20 horas
AV. RIO BRANCO, 211 — 7.º ANDAR, S/ 73 — SÃO PAULO

DRA. JUNIA MARINS DA SILVEIRA

—— Moléstias de Senhoras, partos e operações ——
Consultório: Rua 7 de Abril, 118 - 8.º - conj. 602 — Fone: 32-9664
SÃO PAULO

ÚLTIMAS NOVIDADES

HARSANYI, Zsolt — **A vida de Galileu** (O contemplador de Estrêlas) 590 págs. Broch. Cr$ 150,00.

HERMANN, Paul — **A conquista do mundo** (História das primeiras descobertas e explorações) Broch. 380 págs. Cr$ 160,00.

KELLER, Werner — **E a Bíblia tinha razão...** (Os arqueólogos arrancam às dunas do deserto os testemunhos da verdade das histórias bíblicas) 367 págs. Broch. Cr$ 160,00.

LA SAINTE BIBLE traduite en français sous la direction de l'Ecole Biblique de Jérusalem. Com Intr. e Notas. Enc. Cr$ 470,00.

LE JOURNAL DU MONDE (A história do mundo em forma de jornal) 52 N.os, 1.500 artigos, 800 ilustrações. Br. 210 págs., 1 vol., tamanho grande, Cr$ 360,00.

PEALE, Norman Vincent — **O Poder do pensamento positivo** — 271 págs. Broch. Cr$ 90,00.

QUEIROZ, Erodice — **Porque deixei a indústria do crime** (Narrativa de Narciso Lemos de Almeida) 113 págs. Broch. Cr$ 50,00.

SHOLEM, Asch — **O Profeta** — 339 págs. Broch. Cr$ 120,00.

STANLEY JONES — **O Caminho** (Meditações diárias) 364 págs. Broch. Cr$ 120,00.

TEIXEIRA, Rev. Alfredo Borges — **Dogmática Evangélica** — 334 págs. Broch. Cr$ 150,00.

Variado estoque de Bíblias e Novo Testamento.

Pedidos à LIVRARIA INTERNACIONAL
Rua Libero Badaró, 92 — And. 7
Fone 32-1225 — Caixa Postal 1405 SÃO PAULO — BRASIL

ATELIER DE JÓIAS "JUNI"

FABRICAÇÃO DE: aneis, alianças, broches, colares, brincos, pulseiras, correntes de relógio, prendedor de gravatas, abotuaduras e todos os demais tipos de jóias.

Especialistas em consertos de relógios e jóias com a máxima precisão

DESCONTOS ESPECIAIS A EVANGÉLICOS

Rua Barão de Itapetininga n.º 120 — 7.º andar — Sala 713 — São Paulo — Aberto das 8 às 19 horas — provisòriamente recados: Tel. 33-9585

RESPONSÁVEIS: Iomar Holanda e Syr Martins Filho

INDICADOR PROFISSIONAL

Escritórrio de ADVOCACIA

DR. AGUINALDO COSTA

(Professor Catedrático da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro — Docente livre da Fac. Nacional de Direito)

Rua do Ouvidor, 69 - 3.º, s. 33 — Tels. 23-1089 e 27-5299

RIO DE JANEIRO

DRA. CARMEN ESCOBAR PIRES

MOLÉSTIAS DE SENHORAS

Consultório: RUA 7 DE ABRIL, 235 - Apto. 308 - Telefone 34-1605

SÃO PAULO

ÓTICA GARCIA

PRECISÃO, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

Sempre os mais modernos estilos de armações — Oficina própria para preparo de lentes — Preços sem concorrência e reais descontos para evangélicos

RUA SÃO BENTO, 484 — FONE 33-1377 — SÃO PAULO

AGORA TAMBÉM SEÇÃO DE JÓIAS, RELÓGIOS E BIJUTERIA

C. F. FRANCO ENGENHARIA Ltda.

ENGENHEIROS

CLOVIS F. FRANCO e *CARLOS F. FRANCO*

Av. Ipiranga, 1123, 8.º - conj. 803 — Fones 36-5137 e 35-4578

SÃO PAULO

DR. HÉLIO KERR NOGUEIRA

ADVOGADO

CIVEL — COMERCIAL — ORFANOLÓGICA — TRABALHISTA

ADVOCACIA EM GERAL

Escritório: Lgo. São Francisco, 181, 3.º andar, Salas 1 e 2

Fone 35-3311 — São Paulo

Suba os degraus dá cultura lendo bons livros!
A BÍBLIA
DIGNO É O CORDEIRO, de: R. SUMERS
DA CEIA do Senhor à transubstanciação, de J. REIS Pereira
Compêndio de Arqueologia Bíblica do Velho Testamento, de. Edith Allen
Esbôço de TEOLOGIA SISTEMÁTICA. de A. B. LANGSTON
CASA PUBLICADORA BATISTA FILIAL
Av. São João 816-820
S. Paulo.

INSTITUTO MACKENZIE

RUA MARIA ANTONIA, 403 — SÃO PAULO

O número crescente de jovens que são confiados pelos pais à influência cultural e espiritual do Instituto Mackenzie fala suficientemente alto do prestígio dessa grande casa de ensino.

Grande é a responsabilidade dos educadores que recebem tão séria incumbência — de manter a tradicional maneira mackenzista de educar.

Grande é o privilégio das famílias que podem contar com a colaboração de boas escolas.

Composta e impressa na *Imprensa Metodista* São Bernardo do Campo — SP

For stay in Library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01471 8813